RIVISTA DELLE FIGLIE DI MARIA AUSILIATRICE

dma

Da Mihi Animas

2019 01
AÑO LXVI
trimestrale

#comosjovens

Poste Italiane SpA - Spedizione in Abbonamento Postale - DL 353/2003 (conv. in L. 27/02/2004 n° 46) art.1, comma 2 - DCB Roma

dma Da Mihi Animas

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

NUMERO 01 - 2019
Año LXVI
TRIMESTRALE

Reg. Tribunale di Roma
n. 13125/1969
Sped. abb. post. - DL 353/2003
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46) art. 1,
comma 2 – DCB Roma

Editore
Istituto Internazionale
Maria Ausiliatrice
Via Ateneo Salesiano, 81
00139 Roma
tel. +39 06872741
fax +39 0687132306
www.rivistadma.org
editor@rivistadma.org
dmanews1@cgfma.org

Direttrice responsabile
Mariagrazia Curti

Redazione
Maria Helena Moreira
Gabriella Imperatore

Hanno collaborato a questo numero
Julia Arciniegas, Maria Rossi, Elisa Molinari, Mara Borsi, Caterina Cangià, Anna Rita Cristaino, Attilio Danese, Emilia Di Massimo, Giulia Paola di Nicola, Mariano Diotto, Gabriella Imperatore, Paolo Ondarza, Veronica Petrocchi, M. José Cavalcante Barros (tradutor).

Layout e grafica
VICIS Srl

Impaginazione e tipografia
VICIS Srl

V.le delle Provincie, 37 - 00162 Roma
www.vicis.it

Edição Extracomerciale

La revista dma è realizada sobre carta ecolgica certificatda FSC, costituida de pura celulose e.c.f. e por un elevado conteúdo de fibras de recuperação (pelo menos 5%).

foto Archivio FMA
foto Shutterstock

Associata USPI
Unione Stampa
Periodica Italiana

SUMÁRIO

Editorial
À Escuta 01

Dossiê
Escutar para Reconhecer 02

Edu@car
Uma bússola para quem

12

Horizonte Família
Filhos e Pais Imperfeitos 16

Fio de Arianna
A escuta para comunicar e tornar fecunda a relação educativa 20

#donna

22

Por uma nova cidadania
Educar ao empenho sócio-político 24

Em êxodo
Dar escuta 28

#mulher
O Sínodo e as mulheres 31

Polifonia
Nostalgia espiritual 34

#comosjovens... na escuta
Jovens invisiveis

37

Comunicar
Periferias resgatadas 40

Laboratório de Teatro
O teatro educativo, uma prática antiga e sempre nova

44

Música
Os gêneros musicais e a identidade social dos jovens 47

Cinema
Fala sobre mim 50

Literatura
A Educação 53

Camilla
Em meio aos jovens 56

Dossier

02

Editorial

À escuta

Acolhamos o 2019 no seu fecundo chamado para olhar com otimismo salesiano a complexidade dos contextos em que vivem as novas gerações. O caminho sinodal sobre *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* nos interpelou em plenitude e nos convida, hoje, a empreender a estrada com *"todos os jovens, nenhum excluído",* a tecer um diálogo com o mundo juvenil, abraçando a sua realidade, as perguntas, as esperanças, os sonhos.

A Revista DMA deseja colocar-se na escuta das expectativas mais profundas dos jovens, olhá-los como os interlocutores privilegiados da missão educativa salesiana. Propõe um itinerário que leve a aprofundar com coragem o seu horizonte, partindo da **escuta** que é um dos mais verdadeiros desejos dos jovens. Uma capacidade de escuta autêntica que **reconheça** os desejos dos seus corações e a voz de Deus que neles ressoa.
E da escuta abrir-se ao **diálogo** atento, aberto, capaz de acolher a diversidade das culturas, dos valores, dos passos à procura do sentido de suas vidas. Diálogo que requer a abertura ao Espírito para saber **interpretar** a própria vida, as experiências, as emoções, os dons a desenvolver à luz da Palavra que se faz luz para esclarecer os significados que habitam o coração dos jovens.
Do confronto dialógico passar à coragem de assumir um estilo de contínuo discernimento sobre as **escolhas** de vida que revelam os valores evangélicos. E vivêlos é entrar no jogo, é aceitar o risco de confrontar-se com a própria realidade e do mundo e tomar decisões fundamentais para a própria vida. Estas escolhas convidam à conversão interior, a uma **mudança** capaz de construir um mundo de paz, justiça, fraternidade.
A opção de caminhar com os jovens nos abre ao humilde exercício comunitário de estar ao lado, justamente porque o autor do acompanhamento é sempre o Espírito de Deus que plasma os seus corações, gerando vida nova nos empenhos missionários. **O cuidar**, sem cansar-se, é um convite `a doação cotidiana da vida, para que os jovens possam tê-la em abundância, e, por sua vez ser **geradores de vida.**

Neste ano, **#comosjovens** percorreremos novamente um itinerário de discernimento no dinamismo dos verbos *escutar, dialogar, escolher e cuidar a vida,* na audácia do *reconhecer, interpretar, mudar e gerar* vida em plenitude. Com Maria, todo "jovem possa descobrir o seu estilo de escuta, a coragem da fé, a profundidade do discernimento e a dedicação ao serviço" rumo à santidade, abrindo-se à alegria do encontro com Jesus, seu Filho (cf Documento preparatório, Os jovens, a fé e o discernimento vocacioal, III 5, p.65).

Maria Helena Moreira, FMA
mhmoreira@cgfma.org

Escutar para Reconhecer

Dossiê

Gabriella Imperatore, FMA
gimperatore@cgfma.org

A 34ª.Jornada Mundial da juventude em Panamá deixou um sinal claro, fazendo emergir o empenho, o trabalho, a importância de escutar os jovens, de um trabalho construído mais que sobre palavras, sobre a concretude da realidade nas suas múltiplas declinações, geográficas e sociais, procurando uma sintonia real na condivisão de linguagens e na compreensão de experiências e testemunhos de Vida Boa.

Panamá, GMG 2019.

A 34ª Jornada Mundial da Juventude foi realizada no Panamá do 22 a 27 de janeiro de 2019 sobre o tema **Eis a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua Palavra** (Lc 1,38). Teve como objetivo principal favorecer um encontro único e especial entre o Santo padre e os jovens e todo o mundo. Nas JMJ os jovens são os principais interlocutores da experiência, que tem muitos momentos especiais com o Sumo Pontífice, entre eles a Via-Sacra, a Vigília e a Adoração ao Santíssimo Sacramento. Poucos eventos no mundo reúnem participantes provenientes de tantos países. Na JMA no **Panamá** foram registrados cerca de 250 mil peregrinos de 150 nacionalidades. Todos juntos, independentemente da bandeira ou da língua, participaram rezando, cantando, dançando, ou testemunhando seu testemunho de fé e amor.

Pré-JMJ

Muitos chegaram depois de ter vivido a experiência nas Dioceses: troca de experiências pastorais, orações, cantos, visitas a lugares sagrados. Uma experiência única foi escutaro rosto indígena da Igreja, os primeiros na América e os primeiros a caminhar neste encontro. Cerca de 350 jovens provenientes das diversas populações indígenas se encontraram em Soloy, na Diocese panamense de David, para refletir e celebrar juntos a sua fé em Cristo, a partir da riqueza milenária das próprias culturas, respondendo

assim ao convite lançado aos jovens pelo Papa Francisco, para *"ser gratos pela história dos seus povos, corajosos diante dos desafios que nos circundam e a ir em frente cheios de esperança na construção de um outro mundo possível"*.

Um momento único também para as **jovens indígenas** da comunidade do **Darién-Panamá** da Inspetoria *Nossa Senhora dos Anjos*, do Centro América Sul (CAR) que condividiram os dias da JMJ juntos aos jovens das diversas realidades do mundo salesiano.

Aproximar-se destas culturas foi mergulhar em um mundo extremamente diferente daquele em que se é habituados, e no entanto foi extraordinário, justamente em virtude de uma tal diversidade.

Neste clima de pre-JMJ, foi vivida uma acolhida aos peregrinos na *Casa de Maria Auxiliadora,* Obra Social em São José (Costa Rica), fundada pela **Beata Ir. Maria Romero** em 1954. Alguns grupos chegaram do Brasil, da Inglaterra e da república Dominicana e fizeram parada na Casa de Maria Auxiliadora, alternando tempos de oração, de aprofundamento, de conhecimento e de gratidão a Maria e á Beata Irmã Maria Romero.

A peregrinação continuou por toda a duração da JMJ ao templo *Maria Auxiliadora* do Instituto Técnico *D. Bosco no Panamá*. Madre Yvonne Reungoat, Madre Geral do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, inaugurou o Centro de peregrinação da Beata Ir. Maria Romero Menezes, FMA, Patrona da JMJ 2019. *"Um percurso de conhecimento e encontro com a Beata Romero, mulher enamorada de Deus, de Jesus e de Maria Auxiliadora, que chamava o seu "Rei" e a sua "Rainha" para que toque o coração dos jovens que passam"*.

Bem-vindos

No Panamá o ar começa logo a esquentar-se não somente pelo clima tipicamente estivo com o calor sufocante além dos trinta graus. O termômetro panamense subiu pelo calor, a paixão e a vontade de viver de dezenas de milhares de jovens que chegaram ao Pais do Istmo para reencontrar-se junto ao Papa Francisco e celebrar juntos a 34ª. Jornada Mundial da Juventude 2019. Toda a gente se destacou na acolhida, na generosidade, no cuidado, revestindo-se das cores dos seus hóspedes. Também o tráfico da cidade, de costume caótico, parecia calmo. *Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra. Tua serva, eu sou. Tua filha, eu sou* (https://www.youtube.com/watch?time_continue=128&v=lN6nErqWPuk). São as palavras do hino oficial da JMJ que ressoou pelas estradas, nas praças, nos pátios, nas celebrações ao ritmo típico da cultura panamense. *"A experiência de ser acolhidos por pessoas simples, cordiais amigas, sempre disponíveis para ajudar, foi o sinal distintivo da minha estadia* – contou Nicola, 27 anos, da delegação de jovens italianos -. *Panamá se vestiu de festa para a ocasião com faixas e bandeiras e sobretudo cm um espírito de alegria e felicidade contagiantes"*. E foram justamente os jovens que mais fascinaram quem os encontrava pelo caminho. Sorridentes, festivos, alegres e envolventes. Alguns jovens europeus declararam: *"Sentimo-nos bem recebidos como se fossemos esperados há tanto tempo. Entre todos nós existe muita cordialidade, vimos todos de Países diversos e nem ao menos nos conhecemos, mas existe um vínculo que nos une e que é evidente"*. À pergunta "O que esperas do Papa" responderam: *"Que nos dê esperança e motivação, como fez nas últimas JMJ. Ele é o Papa da alegria, pediu-nos que nos levantássemos dos nossos divãs; o fizemos para chegarmos até aqui, porque temos necessidade de mensagens de confiança para o futuro. É um Papa muito moderno, que espero que encontre as palavras que consigam tocar-nos, que nos guiem e nos aconselhem"*. Muitos foram empenhados como voluntários, e se prepararam com grande zelo: como fez Jéssica, uma jovem asiática, que guiou os grupos de peregrinos nos vários momentos da JMJ: catequese, encontros com o Papa, celebrações. Outros, simplesmente transmitiram a todos seu entusiasmo, como Adriana e Juan panamenses: *"Não percam a felicidade e a vontade de mostrar ao mundo que com Cristo podemos atingir qualquer*

Panamá. Forum MGS.

objetivo a que nos propusermos. Em nenhuma circunstância percam a esperança, porque Deus tem sempre um plano para cada um". A solidariedade e a cumplicidade nasceram espontâneas ultrapassando qualquer barreira linguística. Na espera dos grandes encontros com o Papa tantíssimos jovens empenharam as primeiras jornadas da JMJ visitando a *Feira Vocacional* no Parque Omar, aprofundando o percurso de discernimento sobre sua vida. Intitulado *"Segue-me"*, foi o anúncio alegre de tantas vocações porque todos são chamados por Deus para um projeto que dura toda a vida: o matrimônio, a vida religiosa, o sacerdócio, ser leigos empenhados. Entre tantos pavilhões também aquele da Família Salesiana, animado por jovens religiosos em formação e pelas Noviças e Filhas de Maria Auxiliadora da Inspetoria *Nossa Senhora dos Anjos*, da América Central – Sul (CAR).

Deus te espera, te abraça e se não conheces o caminho, virá procurar-te
(Papa Francisco)

O abraço dos jovens sonhando unidade e paz

Foi o primeiro abraço dos jovens da JMJ ao Papa Francisco. Gritam de alegria, uma carga de entusiasmo. Todos reunidos no Campo *Santa Maria a Antigua* sobre **Cinta Costeira.** *"Papa Francisco, Panamá, o recebe com o coração e os braços abertos"*, disse o Arcebispo local **José Domingo Ulloa Mendieta.** É um momento histórico para toda a Regional neste istmo que une as duas Américas e os dois oceanos Atlântico e Pacífico. Escolhendo vir ao Panamá o Papa deu a possibilidade a muitos jovens centro-americanos, em particular àqueles que foram marcados pela marginalização e pobreza, de viver a experiência de um encontro com outros jovens, para condividir sonhos e projetos e descobrir serem os principais interlocutores da renovação da Igreja e da sociedade. *Esta é a juventude do Papa.* É um desfile coloridíssimo, jovens de todos os Continentes com as bandeiras e as vestes típicas dos seus países e se canta, se dança fazendo memória de todos os hinos das JMJ. Debruçados sobre o Oceano Pacífico e com o olhar dirigido ao future, os jovens recordaram o os Santos padroeiros da JMJ, que para eles são as raízes, os fundamentos sobre os quais construir o Presente e o Futuro. *"A violência não será nunca o caminho"*, foram as palavras de Enrique Irving Menjivar Ortega, jovem de El Salvador que falando de **Mons. Oscar Romero** sublinhou *" tornou-se santo não somente pelo seu martírio, mas pelo coroamento de uma vida de amor pelos pobres, por quem sofre. Sabemos que está rezando pela paz"*. Fez-lhe eco Ana Lúcia Reyes Vargas, do México, recordando entre os Patronos **São João Paulo II** que demonstrou ao mundo inteiro "como no coração de um velho Papa possa brilhar a eterna juventude que dá esperança". E depois o **Santo dos Jovens Dom Bosco** que" *fez da sua vida um dom de luz para os jovens. Com transbordante alegria entendeu que os jovens tinham necessidade de um Deus próximo, amável, paciente, cheio de bênçãos para todos. Quanto temos necessidade desta alegria, em um mundo como o nosso marcado por rostos tristes e sem esperança! Que ele nos ensine a proclamar a vitória do bem e o triunfo da paciência humilde"*. É a **Beata Irmã Maria Romero Menezes,** Filha de Maria Auxiliadora, a ensinar que *"o serviço feito com amor pode tornar a vida plena, que a dedicação aos pobres nos liberta do nosso egoísmo e nos enche de paz, torna-nos servidores da misericórdia e nos motiva a responder, em qualquer vocação, ao chamado à santidade"*. Papa Francisco pediu aos jovens para serem construtores de pontes: "A cultura do encontro é um apelo e um convite a ter a coragem de manter vivo um sonho comum. Sim, um sonho grande e capaz de envolver a todos". A oração pela Paz está no coração dos jovens da JMJ. Os jovens se uniram ao Papa e em um silêncio profundíssimo, pediram justiça e paz. Sérgio tem 20 anos e vem da Guatemala. Faz parte do coro que é formado por mais de 300 jovens representantes de todos os países da América central e América latina. "Uma grande emoção – narra ao terminar a celebração – a JMJ é uma manifestação de fé e de entusiasmo. O meu sonho e dos jovens da América latina é que haja em todos os nossos Países a Paz".

Forum e Festa mundial MJS

A 23 de janeiro, os jovens do Movimento Juvenil – os Salesianos (MJS) viveram uma jornada muito intensa pelas suas mensagens, rica de encontros e de celebrações. Dom Ângel Fernandez Artime, Reitor Mor e a Madre geral, Madre Yvonne Reungoat, condividiram com os jovens do mundo salesiano momentos de reflexão, de festa e de oração. *"Não tenham medo de Deus, segui o sonho que Deus tem para vocês, e condividam a alegria de ser amados por Deus; o caminho é caminhar juntos, leigos e consagrados, e o testemunho será mais rico, mais credível, mais atraente. O Evangelho será mais visível"* é a mensagem que deram aos jovens do Forum JMJ. Cerca de 200 jovens responsáveis pelo MJS de diversos países de todo o mundo salesiano encontraram-se juntos para elaborar linhas comuns para o caminho do MJS. *"A juventude é um dom. É um tempo precioso das nossas vidas em que podemos descobrir quem somos, os nossos talentos e dons, as nossas fraquezas e desafios; como também para discernir a nossa vocação, leiga ou religiosa que seja. Temos todos uma missão para a nossa vida. Individualmente, cada um de nós tem o seu caminho, mas é somente o caminhar juntos que nos permite participar na missão última, o caminho em direção a Cristo. Jesus, também ele foi jovem, e é justamente com Jesus jovem que estamos a caminho"* (cf. Mensagem do Movimento Juvenil Salesiano no Panamá) (https://www.cgfmanet.org/21.aspx?sez=21&sotSez=1&detSotSez=1&doc=17022086&lingua=1)
O Forum foi concluído com a Eucaristia e à tarde com a Festa Mundial MJS, uma explosão de vida e de alegria salesiana para cerca de 2.500 jovens presentes através de cantos, danças, música e oração.

A Geração Louvado Sejas

Carina Baumgartner e Júlia Marion Kerschhofer, do MJS austríaco foram as representantes do MJS no lançamento oficial da geração Louvado Sejas, o ramo juvenil do Movimento Global Católico sobre Clima (Global Catholic Climate

Panamá. Festa Mondiale MGS – Jiulia e Carina (Austria).

Movement). *"Foi realmente entusiasmante viver este momento especial, como jovem do MJS. Ver todas aquelas pessoas que se uniam a nós, é algo que não esquecerei mais. Sou orgulhosa de fazer parte"*, explicou Julia Marion Kerschhofer. *"O momento mais bonito foi o grande abraço que uniu tantos jovens, chegados de mil estradas diversas, e no entanto unidos por uma única missão: cuidar da nossa Terra, da nossa Casa Comum"*, acrescentou Carina Baumgartner. Os jovens sentem forte a urgência de responder à crise ecológica; FMA e SDB querem sustentar os seus esforços para um mundo seguro e sustentável. Os jovens estão realmente interessados em cuidar do planeta. É maravilhoso perceber o entusiasmo com que os jovens se empenham na busca de soluções para proteger a Casa Comum. Não se trata somente de declarações, mas de experiências mantendo limpos os próprios ambientes, recolhendo plásticos para a reciclagem e sensibilizando outros jovens a serem a *Geração Louvado Sejas*". Júlia chamou a atenção dizendo: "*Louvado Sejas*" é algo em que todos podem pensar. O nosso planeta tem necessidade de uma mudança, ora! Cada um pode dar uma contribuição, pequena ou grande, para tornar o nosso planeta a casa na qual queremos viver e estar bem". *"Somos nós, os jovens, que temos a força, a coragem e a criatividade para mudar algo. O MJS não espere pelos outros, seja um exemplo para a Geração Louvado Sejas"*, concluiu Carina.

Um projeto de vida

" Fomos acolhidos por esta terra com calor e cores". Foi uma festa de alegria, de esperança para toda a Igreja e para o mundo, um autêntico testemunho de fé. Eis o decálogo que o Santo Padre deixou aos jovens:

1. **Pedro e a Igreja caminham com vocês** e nós queremos dizer-lhes que não tenham medo de ir adiante com aquela renovada energia e aquela constante inquietude que nos ajuda e nos empurra a ser mais alegres e disponíveis, autênticas testemunhas do Evangelho.
2. **O discípulo** não é somente aquele que chega em um lugar, é também aquele que inicia com decisão, que não tem medo de correr os riscos e caminhar.
3. Vocês, caros amigos, fizeram tantos sacrifícios para poderem encontra-se e tornar-se assim verdadeiros **mestres e artesãos da cultura do encontro.**
4. Com os seus gestos e atitudes, com os seus olhares e desejos e sobretudo com a sua sensibilidade, neguem todos aqueles discursos que insistem em semear divisões.
5. Vocês nos ensinam que encontrar-nos não significa copiar-se, nem pensar todos do mesmo modo...A cultura do encontro é uma chamada e um convite a **manter vivo um sonho comum.**
6. Sim, **um grande sonho** capaz de hospedar a todos. Este sonho para o qual Jesus deu a sua vida na Cruz e o Espírito Santo desceu marcando com o fogo, no dia de Pentecostes, o coração de todo homem e mulher, o teu o meu.
7. O que nos mantem unidos? Por que somos unidos? O que nos impulsiona a encontrar-nos um com o outro? A segurança **de saber que fomos amados** com um amor fascinante. É o amor de Cristo que nos sustenta.
8. Um amor que não faz violência (patotea), nem explora, nem

Vão em frente com aquela energia renovadora e aquela constante inquietude que nos ajuda e nos move a sermos mais alegres e disponíveis, mais testemunhas do Evangelho **(Papa Francisco)**

Panamá. Fiera Vocazionale.

Panamá. Colegio Maria Auxiliadora Arraiján.

Panamá. Parco della Gioventù.

Panamá. Pellegrini.

marginaliza, nem cala, um amor que não humilha, nem submete. É **o amor do Senhor,** amor cotidiano, amor discreto e respeitoso, amor de liberdade e para a liberdade, amor que cura e eleva.
9. **Maria ousou dizer "Sim".** Teve a coragem de dar vida ao sonho de Deus. E é a mesma coisa que o Anjo quer pedir a ti, a ti, a ti, a mim: **Queres que este sonho tenha vida?**
10. **Cada um retornará para casa com aquela energia nova** que é gerada cada vez que encontramos os outros e o Senhor, cheios de Espírito Santo.

A JMJ 2019 no Panamá foi concluída. O convite do Papa Francisco, na Vigília de oração: "Vocês estão dispostos a dizer "sim"? Querem ser "influencer" no estilo de Maria, que teve a coragem de dizer "aconteça para mim"? Amigos, peço-lhes também que, naquele face a face com Jesus, rezem por mim, para que também eu não tenha medo de abraçar a vida, cuide das raízes e diga com Maria: "Faça-se para mim segundo a tua palavra" continua a ressoar na mente dos participantes da JMJ no retorno aos seus Países. Então poderão difundir a experiência de fraternidade e comunhão, de fé e de oração em suas vidas de todos os dias.
"Estamos a caminho: continuem a caminhar, continuem a viver a fé e a condividi-la. Não esqueçam que vocês não são o amanhã, não são o entretanto, "frattanto", mas o agora de Deus. Peço a vocês que não deixem esfriar aquilo que viveram nestes dias. Retornem às suas paróquias e comunidades, às suas famílias e aos seus amigos, e transmitam esta experiência, para que outros possam vibrar com a força e a alegria que vocês têm em vocês. Com Maria continuem a dizer "sim" ao sonho que Deus semeou em vocês" (Papa Francisco).
Esta emocionante experiência chegou ao final, na esperança de poder novamente experimentar a alegria suscitada, no próximo encontro mundial em Lisboa (Portugal) em 2022.

Panamá. Formande e Juniores (CAR).

Ascolto

Uma bússola para quem educa

Mara Borsi, FMA
mara@fmails.it

A educação no contexto atual é atingida por uma notável confusão por causa de um vasto pluralismo ideológico e operativo e, em alguns casos, até agressivo, em nível de concepção e projetos antropológicos, de critérios, de escolha nas impostações dos objetivos, de métodos e de práxis concretas. Nesta situação a tarefa de um educador, de uma educadora é aquela de interrogar-se constantemente sobre aquela estrada empreendedora na específica situação em que se encontra.

Nesta nova edição a rubrica educar entende oferecer uma pequena contribuição à reflexão dos educadores e estimular a auto-formação, para que nas comunidades educativas cheguem a formar verdadeiras e próprias comunidades de prática, nas quais cada um coloque à disposição as competências adquiridas, para que os processos educativos sejam de qualidade e ofereçam verdadeiras oportunidades de crescimento às novas gerações que frequentam as obras das FMA.

A necessidade de adotar um olhar educativo que não para, não fecha, mas que se coloca como guia no planejamento e na ação educativa. Trata-se de amadurecer uma competência reflexiva e a consciência do próprio modo de olhar e apropriar das situações educativas.
Com frequência quem educa procura certezas e guias para o próprio agir e em situações difíceis pode ser fácil cair na trama das receitas para o uso ou das práticas apresentadas eficazes para todos e em toda parte.
Superar a rigidez que provem da busca de segurança significa vigiar criticamente sobre os postulados da educação depositária que Freire descreve com muita clareza:
"O educador educa, os educandos são educados;
o educador sabe, os educandos não sabem;
o educador pensa, os educandos o escutam docilmente;
o educador cria a disciplina, os educandos são disciplinados;
o educador escolhe e prescreve a sua escolha, os educandos seguem a sua prescrição".
Cair na rigidez aqui descrita, onde o olho não vê e o ouvido não escuta, corre o risco de levar o educador, a educadora para fora da estrada, de conduzir para soluções gerais que poderiam ter pouco a fazer com os sujeitos que se tem diante de si.
A este ponto poder-se-ia perguntar qual o sentido o a essência de um planejamento que tenta evitar a rigidez?
O caminho de saída é conceber o planejamento como uma viagem que começa e sabe onde pode chegar, porém não conhece o itinerário, nem como se chegará à meta.
Da parte de quem educa, assumir a flexibilidade e a indeterminação como categorias do próprio agir educativo é uma aposta geradora, seguramente fatigante, mas inevitável, sujeita ao retorno a uma educação repetitiva, imutável, predefinida.

A bússola do educador, da educadora é o olhar educativo.

Olhos que veem

O olhar educativo representa, no campo, o instrumento principal de quem educa. Delinear as suas características não é fácil, porque o olhar pedagógico é dinâmico, está em estreita relação com o contexto específico e à pessoa em crescimento, constrói-se continuamente enquanto se repensa.
Ao entrar em relação com uma menina, um menino, uma jovem educadora, educador, o educador interpreta e dá significado às suas ações, aos seus comportamentos.
Uma intervenção educativa de qualidade requer que na relação a ser lida não seja o comportamento isolado da menina, do menino, da jovem, mas as relações e os contextos nos quais isto acontece.
É necessário refletir por contextos, de modo que se torne uma verdadeira e própria atitude do pensamento, aquele de definir uma realidade, através das relações que a unem às outras. Sempre em nível relacional é importante construir, educadores-educandos, uma linguagem partilhada, o que significa saber encontrar juntos as regras que têm sentido, mesmo porque são condivididas, e ligadas ao cotidiano.
Trata-se de pensar nas regras como pró-memória para todos os educadores e educandos. Os pró-memórias servem para recordar os comportamentos adequados para poder viver

cada situação; partilhá-las com o grupo, com os adultos, serve para sentir como próprias, ligadas à própria experiência e em consequência a recordar as regras em um modo mais eficaz.

Um olhar aberto

Para chegar a construir juntamente com crianças e adolescentes percursos pessoais e inéditos de desenvolvimento é necessário que os educadores estejam em condição de abrir o olhar. O significado da palavra envia ao descobrir, a tirar todo impedimento à vista. O olhar aberto é conectado à capacidade de alargar mais do que limitar; é um olhar que sabe deter-se, esperar, suspender o julgamento, que sabe ver novas possibilidades e novos elementos.

O olhar aberto representa já, no momento em que é assumido pelo adulto, uma ação educativa verdadeira e própria e é percebido pela pessoa em crescimento como respeitosa e valorizadora. Ver-se observados com atenção e sem julgamento abre a possibilidade a uma comunicação autêntica. Os educadores não têm pá tudo previsto na cabeça, mas descobrem também eles com os educandos, os quais se apercebem como autores e atores das suas experiências.

Histórias verdadeiras de quem as faz

Yusra Mardini, menininha que vem de um país onde estar em guerra é a norma, conta sobre a magia de um esporte ainda feito de vontade, fadiga e resiliência. Um esporte capaz de ser um modelo para os meninos, que pode mudar as pessoas e o mundo.

Uma história é participar com as equipes na partida de uma piscina olímpica, outra história é saltar no mar, durante à noite, na tentativa de salvar a vida de mais de 17 pessoas em fuga da guerra. É a história verdadeira de Yusra Mardini, jovem síria porta-bandeira nas Olimpíadas do Rio de Janeiro em 1916 do Time dos refugiados, que debutou com os 100 metros borboleta. Venceu a primeira bateria, depois a eliminação na semi-final. Não obstante isto, Yusra é satisfeita: "Foi extraordinário. Estou muito feliz".

Terá muitas outras chances esportivas, diferentes daquela noite em 2015: "Não podia afogar naquele dia, porque eu sou uma nadadora e tinha um futuro a seguir".

A menina escapou da Síria com a irmã em agosto de dois anos atrás, chegando ao Líbano e depois na Turquia. Aqui conseguiram entrar em contato com alguns escafandros para encontrar o modo de chegar à Grécia. Partem, mas a guarda costeira turca bloqueia a embarcação enviando-as para trás.

As meninas não desanimam e tentam novamente com uma barca menor, sobrecarregada de gente. Depois de uma hora e meia de travessia o motor para, em meio ao Mar Egeu, de noite. A algumas milhas da chegada a embarcação recebe perigosamente água e está para afundar.

Yusra, Sarah e uma terceira menina capaz de nadar se jogam e, nadando por três horas arrastam literalmente a barca em direção à costa da ilha grega. Conseguiram, salvando assim, além da própria, as vidas dos dezessete refugiados a bordo. Em Lesbo inicia a rota balcânica, uma viagem infinita, a pé, no trem, através da Macedonia, a Sérbia, a Ungria, a Áustria e, finalmente, a Alemanha onde as irmãs Mardini conseguem o status de refugiadas

Um olhar aberto é também prospectivo: acompanha o percurso de crescimento de meninos, meninas e de adolescentes. Neste sentido assume valor pleno o fato de projetar a partir das pessoas que se tem na frente, do que elas trazem como reserva e como interesse. Pode-se afirmar que projetar é tomar em séria consideração aquilo que é significativo para os outros.

Um olhar valorizador

Para estar em grau de imaginar-se no futuro e de projetar o próprio presente para construir o amanhã com intencionalidade e concretude, a pessoa em crescimento tem necessidade, antes de tudo, de ser olhada pelo educador, pela educadora com confiança; tem necessidade de um olhar positivo e encorajador. O encorajamento favorece na pessoa em formação um estado de ânimo positivo e propositivo que a coloca nas condições de acreditar nas próprias capacidades e nas possibilidades para poder conseguir superar situações problemáticas, não somente da aprendizagem, mas também da vida. Encorajar não significa louvar pelos esforços cumpridos, mas utilizar uma atitude de fundo, fundada no amor, compreensão, aceitação incondicionada e positiva. O adulto que educa, em virtude do próprio papel, não poderá nunca substituir a riqueza que um percurso oferece com o dom imediato da meta. Os educadores são chamados a apoiar crianças e adolescentes nas passagens mais empenhativas, facilitar a conquista da competência ética acelerando o caminho para a capacidade de colocar-se perguntas e fazer escolhas, nunca poderão escolher no seu lugar. É decisivo no contexto atual acompanhar quem cresce para o desenvolvimento de um pensamento crítico e autônomo, capaz de tomar em consideração diversos pontos de vista e de expressar e motivar as escolhas realizadas. Toda ação educativa, pensada e colocada em ato pelo educador, pela educadora, é única e irrepetível, como únicos e irrepetíveis são os seus protagonistas naquele contexto, naquela situação. A consciência desta unicidade revela a complexidade do trabalho educativo e da necessidade de que este seja assinalado pela maturidade profissional, paixão educativa e profundidade espiritual.

Filhos e pais imperfeitos

Giulia Paola Di Nicola - Attilio Danese
danesedinicola@prospettivapersona.it

É um dado de fato que sempre mais esposos programam a maternidade/paternidade, a colocam em prática e a controlam passo a passo, tendo em vista um super - filho. Biogenética, barriga de aluguel, contínuos controles do feto atestam esta vontade de programar a todo custo filhos bonitos e inteligentes.

Na sociedade que valoriza o sucesso, a visibilidade, a eficiência, cada um gostaria de obter da vida o máximo e afastar com todos os meios aquilo que aparece de empecilho a uma vida feliz. É natural desejar filhos invejáveis e fazer o possível para eliminar aquilo que poderá dificultar o objetivo. É mais difícil aceitar os bebês que Deus dá, assim como os dá, mesmo se não são aqueles sonhados, se talvez limitados, anormais ou sub-dotados, com um corpo defeituoso... Olhando seu menino os pais deveriam deixar por menos ter diante de si uma criatura esplêndida e limitada, que dará alegrias e dores, será talvez desilusão mas de todo modo importantíssima simplesmente porque Deus pensou nela, amou e confiou justamente a eles.

Também para os adolescentes não é fácil aceitar os pais que se tem, com os seus inevitáveis defeitos e eventuais fracassos. É sabido que se lamentam também dos melhores, da série: "como cometes erros"! Os limites, os defeitos, os comportamentos mau relacionados são causa de conflitos que tornam infeliz a vida de família, tanto a ponto de fazê-la aparecer, como escrevia **F. Mauriac,** somente um "ninho de víboras". Filhos que fogem de casa, dependências, suicídios, divórcios, feminicídios, nos dizem que o lugar retoricamente considerado berço do amor e da proteção da "maldade" do mundo com muita frequência se torna campo de batalha e lugar de cultura de desvios e criminalidade.

Os conflitos se poderiam reduzir significativamente se os pais e filhos tomassem serenamente posição sobre os respectivos limites e acolhessem de bom grado aquilo que a vida lhes reservou, sem pretender sempre o sol. A perfeição é desejável, mas justamente pelo seu peso exemplar gera fortes frustrações, que esmagam aqueles que a pretendem. Não se trata de entregar-se passivamente, mas de trabalhar constantemente com os próprios familiares para otimizar os dados de natureza e de temperamento, aceitando o trabalho que disso faz aparte. As promessas de uma paz a bom preço, trocada com o viver quieto, fazem acreditar que seja possível resolver relações complexas e conflituosas fingindo não ver, que as coisas se resolvam sozinhas deixando que os filhos satisfaçam seus desejos, defendendo-os – a torto ou a direito – de eventuais avaliações negativas extra-familiares (escola, paróquia, vizinhança...), multiplicando o recurso a psicólogos, investindo para o desenvolvimento da inteligência (jogos educativos, ambientes estimulantes, cursos extra-escolares): tudo isto com frequência se revela um boomerang que gera frequentes desilusões, descontentamento, ânsia, sensação de fracasso.

Ser construtores de paz

Para viver bem em família é necessário ser operadores de paz, mas sem exigir uma quiete estagnante, já que é inevitável que se acendam discussões e litígios, dadas as diferenças de gênero, de temperamento, geracionais. Ocorre exercitar-se em controlar os próprios comportamentos, dispor-se à escuta e multiplicar os esforços de uma mediação, aprendendo a ter sobre controle o aumento da cólera dos pais enfurecidos contra filhos rebeldes, onde favorecer um confronto civilizado e construtivo. Trata-se de acompanhar o crescimento reduzindo ao essencial as "regras" do bom comportamento relacional, a serem acordados nos momentos de serenidade.

"O tempo é um grande mestre: encontra sempre um final melhor"
(Charlie Chaplin)

É impressionante e sempre válido aquilo que pede Jesus: "Sejam perfeitos como é perfeito o vosso Pai que está nos céus" (Mt 5,43-48), mas não usar esta re-

comendação como um bordão: julgar um marido, uma mulher, um filho sobre o registro da perfeição divina. Todos nos pareceriam pecadores, o que impediria uma boa relação esponsal e materna/paterna e o clima de família se enfraqueceria. É muito mais necessário o discernimento prático diante de situações particulares tomando as distâncias daquilo que consideramos "bem em si". Não basta respeitar aqueles que amamos; ocorre aquele olhar amável, confiante e misericordioso do qual os adolescentes têm particularmente necessidade enquanto procuram com fadiga orientar o próprio percurso de vida de modo diverso dos pais, em balanço entre as altas solicitações da moral e exigências do nosso mundo externo.

A grande parte dos adolescentes faz experiências diversas, até o limite da transgressão, e provoca a paciência dos pais. Quanto é consolador para eles sentir aquele olhar de doce e seguro encorajamento quando se sentem em culpa pelos erros cometidos. Além disso, não somente os filhos mudam fisicamente e psiquicamente nos anos. Todos têm necessidade de tempo para amadurecer, também os pais, em uma perene educação recíproca: é mais fácil ter bons relacionamentos se se aceita a "lei da gradualidade", a qual não nega de fato a meta, mas passa pela cruz do tempo.

Também no campo da fé quando contemplamos e indicamos aos jovens os grandes personagens da Igreja, fundadores, consagrados, mulheres e homens carismáticos, chamados a uma missão particular, propomos a eles personagens para serem venerados, mas que em muitas vezes são percebidos como inatingíveis e distantes da sua vida de todos os dias. Os modelos altos demais correm o risco de distanciar os filhos da fé, justamente porque conscientes da sua inadequação. O que se pode e se deve transmitir é a beleza de uma vida boa e agradável a Deus e aos irmãos na contínua busca da concórdia.

É necessário aprender a tirar proveito do conflito: "e transformá-lo em um desejo de união e de novo processo" *(Gaudete et Exultate,89).* Isto é possível doando-se reciprocamente a misericórdia, sabendo encaixotar as palavras inconvenientes e os pequenos gestos que nos ferem mantendo um relacionamento de confiante espera. O perdão recíproco supõe o reconhecimento dos erros e a certeza de ser, portanto, amados por Deus: "Todos nós somos um exército de perdoados. Se... afinamos o ouvido provavelmente sentiremos alguma vez repreensão:" Não devias tu também ter piedade do teu companheiro assim como eu tive piedade de ti?" *(Mt 18, 33)" Ivi,82).*

Clima de família

Se cada componente da família segue uma reserva temporal específica, que impõe acompanhar o outro sem pretensões muito grandes, o objetivo não é multiplicar regras, controles, punições. Um bom clima de família está longe das duas derivas da relação educativa: de um lado o excesso de regras e do outro o excesso de atenção a sempre convencer e dialogar, como se na vida tudo seguisse os nossos convencimentos. Que a rigidez das regras crie conflito é um fato, mas também o diálogo a todo custo, com a pretensão de aplainar sempre e de todo modo as divergências prepara explosões piores. Melhor encorajar e recontar, a confrontar-se com as outras histórias de vida, a ver a realidade de modo menos unilateral para favorecer a capacidade de formular juízos pessoais e de adotar os comportamentos que mais se adaptam ao próprio temperamento e `a própria vocação. Pode-se fazer muito para ajudar o outro a limpar a consciência e colocá-la em grau de reconhecer aqueles sussurros, latentes e imperiosos, do Espírito que trabalha em cada um e faz amadurecer docemente. De outro modo se pode ter a família unida pelo caminho de chantagem ("se fazes assim, te compro..."), por necessidade, para defender a honra, mas a preço de numerosos e inúteis sofrimentos. Também se os filhos obedecerão obtorto collo para evitar os desencontros, quase sempre antes ou depois explodirá novamente o conflito que adormecia sob as cinzas.

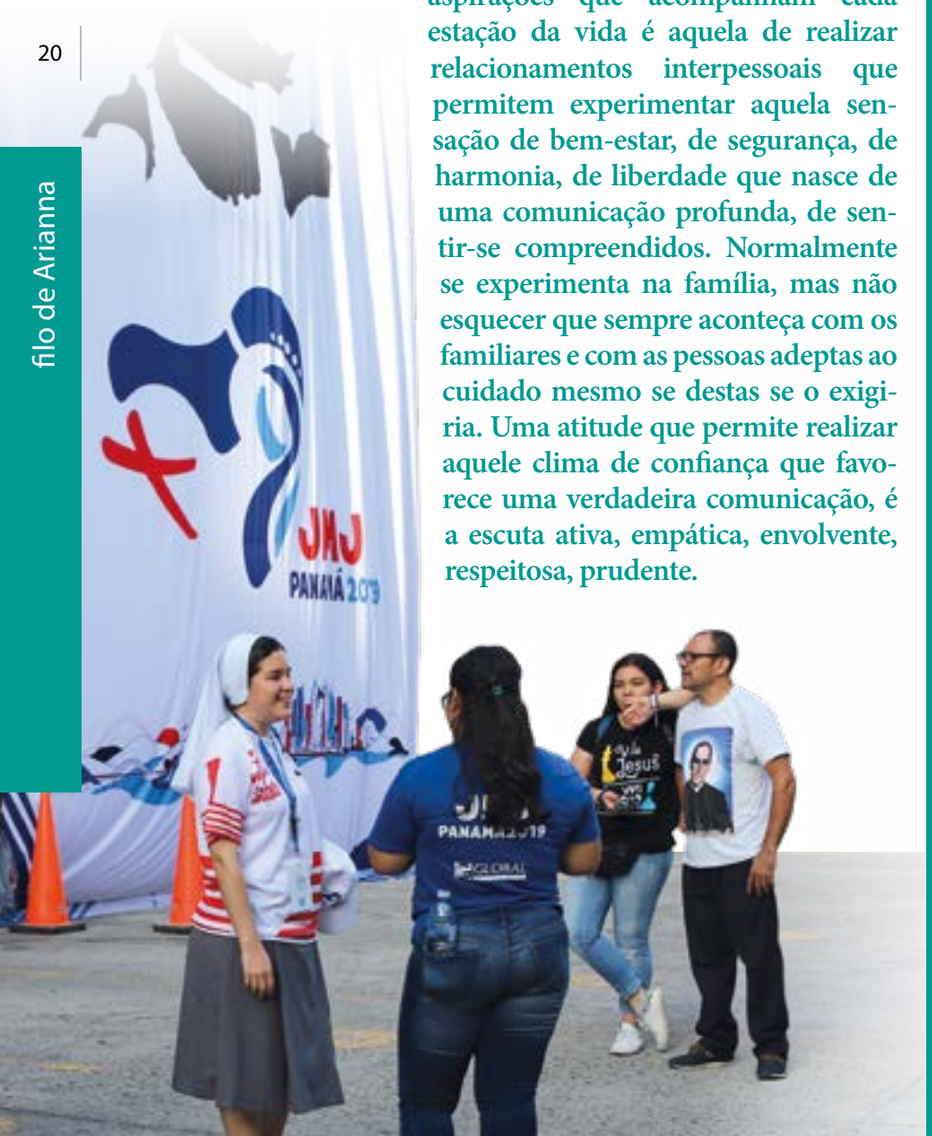
Para ser felizes em família e fazer felizes os outros, é indispensável reconhecer os ossos limites e os daqueles que nos foram confiados por Deus, evitando, seja condescender à realidade sem estimular à mudança, seja de julgar e condenar em base a modelos ideais inexistentes. Ninguém pode fazer aquilo que os pais não fizeram. Como ensinar ao filho o respeito, a paciência, a doação ao outro se em casa bastava um nada para desencadear a guerra, se um erro ou um resultado ruim na escola provocavam cúmulos de repreensões, imposições peremptórias e comportamentos obsessivos e contraproducentes? Os sonhos de harmonia perfeita não podem tomar o lugar do fatigante mas exaltante dever de educar e educar-nos no tempo, presentes ao presente, voltados a um futuro que queremos melhor.

> " Ser pacientes não significa deixar que nos maltratem continuamente, ou tolerar agressões físicas, ou permitir que nos tratem como objetos. O problema se pões quando pretendemos que as relações sejam idealizadas idílicas ou que as pessoas sejam perfeitas, ou quando nos colocamos no centro e esperamos unicamente que se faça a nossa vontade. Então tudo nos aborrece, tudo nos leva a reagir com agressividade. Se não cultivamos a paciência, teremos sempre desculpas para responder com ira, e no fim nos tornaremos pessoas que não sabem conviver, anti-sociais incapazes de dominar impulsos, e a família se transformará em um campo de batalha" (Amoris laetitia,92).

A escuta para comunicar e tornar fecundo o relacionamento educativo

Maria Rossi, FMA
rossi_maria@libero.it

Somos feitos para comunicar, temos necessidade, desejo, saudades. Uma das aspirações que acompanham cada estação da vida é aquela de realizar relacionamentos interpessoais que permitem experimentar aquela sensação de bem-estar, de segurança, de harmonia, de liberdade que nasce de uma comunicação profunda, de sentir-se compreendidos. Normalmente se experimenta na família, mas não esquecer que sempre aconteça com os familiares e com as pessoas adeptas ao cuidado mesmo se destas se o exigiria. Uma atitude que permite realizar aquele clima de confiança que favorece uma verdadeira comunicação, é a escuta ativa, empática, envolvente, respeitosa, prudente.



A rubrica Fio de Arianna completa 24 anos. O título, "Fio de Arianna", refaz-se à mitologia grega. A rubrica com este título, foi pensada e desejada para oferecer um simples "fio", uma possível e concreta ajuda para sair dos labirintos complexos das dinâmicas interpessoais, das relações, dos sentimentos e de algumas situações comuns. O seu objetivo é colocar-se respeitosamente ao lado de leitoras e leitores e, com uma linguagem simples e experiencial, mesmo sendo fundamentado cientificamente, oferecer-lhes através de sugestões, conselhos, reflexões, um humilde auxílio, um "fio" de esperança. Gostaria de tornar conscientes que, utilizando as reservas pessoais, é possível perdoar-se e perdoar; é possível não sucumbir, mas escolher e utilizar os lados positivos do stress; é possível elaborar um enamoramento que se apresenta depois dos votos e permanecer fiéis; é possível colher os condicionamentos negativos do próprio egocentrismo e superá-los; é possível. Toda saída dos labirintos que a vida generosamente apresenta, é também um auxílio para os outros. Teseo saiu vitorioso do labirinto "com os outros jovens atenienses".

Talvez nunca como nestes tempos se adverte a dificuldade da escuta que se desejaria. É uma experiência comum que nos diálogos e ao telefone as vozes se sobreponham; que em um grupo todos falem ao mesmo tempo; que se fale com arrogância e com a pretensão de ser escutados. Parece que falte o tempo e a capacidade de escutar. Os pais se lamentam porque os filhos não escutam e os filhos porque os pais estão sempre correndo e não têm tempo e paciência para escutar; as mulheres se lamentam dos esposos sempre empenhados em outra coisa e vice-versa; os professores se lamentam dos estudantes, os subalternos gostariam de uma escuta diversa da parte dos dirigentes, dos superiores e assim vai. Quando na normalidade do viver acontece encontrar uma escuta autêntica, parece quase um milagre. E, com sempre mais frequência se recorre aos profissionais. A coisa estranha é que o lamento é sempre em relação aos outros. Dificilmente se duvida e se interpela sobre a própria atitude. Muitas são as modalidades de escuta que cotidianamente se utilizam e se experimentam. **Pode-se escutar: por mera curiosidade**, para sentir-se e fazer-se ver informados, para julgar, passar adiante, bisbilhotar. As pessoas nas quais prevalece esta modalidade encontram-se de boa vontade entre si, mas quem as conhece tende a ficar ao largo. **Pode-se escutar de modo informal,** para organizar, controlar, ver que tudo proceda bem e que não aconteçam desordens. É esta uma modalidade utilizada com frequência por quem tem o papel de responsabilidade e de comando e que para atingir os próprios objetivos (a produção da agenda, o bom nome da instituição e outro) escuta com interesse quando e porque deve deixando no interlocutor um senso de desilusão, de incompreensão, de distância. Pode-se escutar **com preconceitos e suficiência,** convictos de possuir a verdade humilhando, reduzindo o outro ao silêncio e, com frequência provocando reações desagradáveis e violentas. **Pode-se também não escutar** evitando encontrar as pessoas e atualmente também, com o assim chamado phubbing, isto é o fato de "ignorar ou transcurar o próprio interlocutor em um contexto social concentrando-se no próprio smartphone".

Mas se pode escutar também **em modo respeitoso, ativo, empático,** na modalidade que todos gostariam de experimentar.

Toda pessoa, mesmo utilizando, segundo as circunstâncias e os estados de animo, as diversas modalidades, geralmente, tem uma que prevalece. Seria interessante, sem deixar-se vencer pela tentação de acreditar-se acriticamente escutadora ou escutador ativos e respeitosos, colher realisticamente as modalidades de escuta mais utilizadas. Não é raro encontrar pessoas que, mesmo tendo fortes dificuldades de escuta, se avaliam positivamente e outras, com real capacidade, duvidarem e não se sentirem nunca plenamente satisfeitas.

A escuta ativa se realiza colocando-se nos planos da outra/outro e procurando colher, mesmo através da linguagem não verbal as posturas, os gestos e o silêncio, as trepidações, o matiz dos sentimentos, os medos, as angústias, ou inexpressão e a partilhar com o interlocutor. Não é fácil. Requer preparação e muito envolvimento pessoal pelo que, mesmo desejando-o não é sempre realizável. Os limites pessoais de ambas as partes são reconhecidos e aceitos sem culpas. Quando se torna possível, abre a uma comunicação profunda e doa serenidade, bem-estar e alegria de viver.
Com frequência acredita-se que uma boa capacidade de escuta dependa de uma predisposição pessoal, que seja uma qualidade inata própria de algumas pessoas. Daí segue que, se se são impacientes e concentrados sobre os próprios interesses, se se pensa de entender antes que a pessoa fale, se não se deixa nunca concluir a fala, não se sentem responsáveis. Algumas/alguns dão a esta atitude uma conotação positiva considerando-a fruto de um caráter pronto. É certo que quem parte com estas premissas, assim é e assim permanecerá.

SACHETTA.Paula, O phubbing o que é e como nos faz mal, em Psicologia contemporânea, Giunti, Firenza, setembro-outubro 2018, pag.70.

A escuta empática ou ao menos respeitosa é uma habilidade, uma competência social aprendida. Aprende-se mais facilmente se se é treinado em família, no viver cotidiano. Mas, fora isto, depende sobretudo das escolhas pessoais iluminadas pelos grandes valores. Pode ser cultivada e adquirida por todas/todos e em qualquer idade, com um constante treinamento. É uma atitude fruto de uma maturidade humana atingida; de uma serenidade e sabedoria que provêm da plena aceitação de si, dos próprios limites e da própria história. É uma meta mais facilmente atingível se a nossa própria história é iluminada pela fé, se se tem a paixão educativa e o gosto de tornar felizes as pessoas e se o exercício cotidiano tem o suporte da oração.

São úteis, portanto, algumas atenções. É muito importante superar e libertar-se daquele egocentrismo infantil que fecha os horizontes aos próprios interesses, que sabe dizer somente "eu" e sempre "eu", que torna indiferentes e disfarçadamente desprezível em relação aos outros, que não sabe reconhecer os próprios limites e erros e encontra sempre desculpas e justificações às próprias faltas. É, pois, útil saber colher e libertar-se das várias formas de preconceito e de estereótipo inseridos na própria cultura. Os preconceitos e os estereótipos disturbam e distorcem a escuta e infundem aqueles medos injustificáveis que levam a distanciar-se. Mesmo se difícil, seria necessário libertar-se daquela difusa e com frequência inconsciente atitude moralizadora julgadora e condenatória que insiste sobre o "deves", sobre o " deverias", para passar ao mais respeitoso e libertador "podes". Em certas situações, o ouvir dizer "deves" pode ser percebido como um jugo pesado, enquanto o "podes" pode dar as asas. Seria também importante superar a tendência a homologar e a generalizar, isto é, a pensar que os jovens, os anciãos, etc. são todos assim **e sentir que quem está na frente, quem quer que seja, é uma pessoa única com o seu mistério, a sua riqueza, as suas angústias, a sua verdade.** E, em toda ocasião de encontro, munir-se da paciência dos fortes e abster-se de dosar o tempo.

A escuta que faz a pessoa se sentir compreendida e acolhida na sua unicidade, de ser importante, arranca da angústia da solidão e do não sentido, doa a vontade de viver, a força de ir adiante confiante e de encontrar a coragem de tentar estradas novas e inacessíveis não obstante as previsíveis dificuldades. No âmbito educativo é indispensável. Quando Don Bosco dizia que "a educação é coisa de coração", provavelmente entendia também isto.Escutar de modo ativo ou ao menos profundamente respeitoso consente a quem tem empenhos educativos compreender e entrar em sintonia com as aspirações, os sonhos, os interesses, as atitudes, os medos das jovens e dos jovens a si confiados, de fazer passar os grandes valores e de propor metas possíveis e também altas: permite educar. Em família, em comunidade, na escola, nos lugares de trabalho e de repouso a escuta empática é um preciso auxílio para prevenir dessabores, contrastes, litígios e/ou recompor e a criar aquele clima de confiança recíproca que faz estar bem mesmo na doença e sob o peso de empenhos graves. Ficar abertos à escuta ativa e respeitosa é sempre possível, mesmo se no viver cotidiano parece se ter tornado ou se acredita que seja um luxo não concedido. Escutar com empatia e sumo respeito, abrir-se a acolher o outro e entrar em sintonia com o seu mistério, habilita também a perceber e a sintonizar-se com as múltiplas vozes da humanidade, com as harmonias e os gemidos da criação e com as vozes de Deus. Ele diz: *Shema Israel: Escuta Israel* (Dt 6,4). Quem 'escuta' faz-se próximo, educa, salva e se salva.

Educação é coisa de coração (Don Bosco)**.**

Educar ao empenho sócio-político

Julia Arciniegas, FMA
j.arciniegas@cgfma.org

A rubrica se propõe solicitar a atenção educativa para os desafios sócio-políticos atuais para orientar os jovens a tornar-se cidadãos empenhados na construção de um mundo mais justo e solidário.

O empenho sócio-político constitui uma verdadeira e própria vocação, cuja maturação é possível se se desenvolvem processos que permitam a cada um desenvolver a própria identidade de cidadãos e de sentir-se responsáveis pela contribuição a dar ao bem comum.

Um coração aberto aos grandes sonhos

São muitos os jovens, nos vários Continentes, que revelam um grande potencial de esperança, sensibilidade social e ambiental, disponibilidade a assumir responsabilidades colocando à disposição talentos, competências e criatividade. Tantos desses desfrutam as novas tecnologias para exercitar mobilização e pressão política por causas nas quais se sentem diretamente envolvidos, quando podem exercitar um autêntico protagonismo *(Cf. IL Sínodo 2018, n. 7).*

Ao mesmo tempo, medos e dinâmicas sociais e políticas obstaculam o percurso de muitos jovens a um pleno desenvolvimento causando vulnerabilidade e baixa auto-estima. Entre esses um sistema político dominado pela corrupção, que mina a confiança nas instituições e legitima o fatalismo e o desempenho. As sondagens realizadas evidenciam como somente uma minoria dos jovens considerem poder incidir na via pública do próprio Pais: não que não queiram, mas se encontram com reduzidas possibilidades e espaços. Esta falta de protagonismo leva ao desencanto para com as Instituições, mas ao mesmo tempo se torna um desfio para os jovens a abrir-se percursos de formação e a assumir responsabilidades sem permanecer prisioneiros do ceticismo *(Cf. Ibid., nn.59-60).*

Abrir percursos de formação

A sensibilidade dos jovens em relação aos temas de ética social: liberdade, justiça, paz, ecologia, economia, política, representa uma porta de acesso para novos patamares que respondam aos seus sonhos de participação e de protagonismo.

Educar os jovens ao empenho sócio-político implica desenvolver e sustentar nestes um percurso de desenvolvimento integral, à luz da antropologia cristã, com particular atenção à dimensão social, ao senso de responsabilidade diante do bem comum, à assimilação dos valores fundamentais da vida social. Assim também uma clara consciência do que implica hoje a cidadania ativa e a participação política à luz de uma ética social fundada sobre a dignidade da pessoa humana *(Cf. Ibid., nn. 156-157).*

Uma rede de relações

Descobrindo-se amada por Deus, a pessoa humana compreende a própria dignidade a não contentar-se de si e a encontrar o outro em uma rede de relações autenticamente humana. Tornada nova pela consciência do amor de Deus, a pessoa está em grau de mudar as regras, a qualidade das relações e as estruturas sociais; é capaz de conhecer, de possuir-se, de livremente doar-se e de entrar em comunhão com outras pessoas; de construir e cultivar relações fraternas e de dar uma resposta de fé e de amor ao seu Criador *(Cf. Compêndio Doutrina Social da Igreja, n.4. – CDSC).*

A antropologia bíblica afirma, portanto, o valor da pessoa humana e das suas relações dentro de uma história concreta na qual se desvela também a sua autêntica libertação. De fato, através das suas relações com outras pessoas, com as instituições, com a cultura e a natureza cada pessoa se auto-compreende e compreende o mundo em que habita (Cf. Pollo M., 2012).

Da relação entre as pessoas tem origem a vida social e, a cada pessoa, como sujeito ativo e responsável e, a todas juntas indistintamente, deve ser finalizada cada modalidade expressiva da sociedade. Desta dignidade, unidade e igualdade de todas as pessoas deriva antes de tudo o princípio do bem comum, ao qual cada aspecto da vida social deve referir-se para encontrar plenitude de sentido *(Cf. CDSC, nn. 105-106. 164).*

O bem de todos e de cada um

O bem comum é bem de todos e, portanto, de cada pessoa, mas esta não pode encontrar cumprimento somente em si mesma nem prescindir do seu ser "com os outros" e "para os outros". Sendo de todos e de cada um, o bem permanece "comum" porque somente juntos é possível atingi-lo, desenvolvê-lo e protegê-lo, mesmo em vista do futuro.

No aspecto sócio-político, as exigências concretas do bem comum derivam das condições sociais de cada época e são estreitamente unidas ao respeito e à promoção integral da pessoa e dos seus direitos fundamentais *(Cf Ibid., nn. 164-166).* A este respeito, Papa Francisco afirma: "Ao estado compete o cuidado e a promoção do bem comum da sociedade. Na base dos princípios de subsidiariedade e de solidariedade, e com um notável esforço de diálogo político e de criação do consenso, desenvolve um papel fundamental, que não pode ser delegado, em perseguir o desenvolvimento integral de todos" *(Evangelii Gaudium,* n. 240).

O bem comum se edifica na justiça e, portanto, deve respeitar o princípio da destinação universal dos bens. De fato, "Deus destinou a terra, com tudo aquilo que ela contém, ao uso de todos os homens e povos, de tal modo que os bens criados devem chegar a todos como critério de equidade, tendo por guia a justiça e por companheira a caridade" *(Gaudium et Spes,* n.69).

A dignidade de cada pessoa humana e o bem comum deveriam estruturar toda a política econômica, mas, às vezes, parecem apêndices acrescentados do externo para completar um discurso político sem perspectivas nem programas de verdadeiro desenvolvimento integral.

A política, uma vocação altíssima

A política é uma vocação altíssima, é uma das formas mais altas da caridade, porque procura o bem comum, consequente às mais elevadas inclinações do homem, mas é um bem árduo para atingir, porque requer a capacidade e a busca constante do bem dos outros como se fosse próprio.

Uma visão puramente histórica e materialista do bem comum terminaria por transformá-lo em simples bem sócio-econômico, privado da sua mais profunda razão de ser (Cf. CDSC,n. 170).

A economia, como indica a própria palavra, deveria ser a arte de atingir uma adequada administração da casa comum, que é o mundo inteiro. Toda ação econômica de um certo peso, colocada em prática em uma parte do planeta, repercute em tudo (cf. EG, nn. 203-206). "Os vários e graves desafios econômicos e políticos que o mundo moderno enfrenta requerem uma corajosa mudança de atitudes que deem ao fim e aos meios o seu lugar próprio" (Papa Francisco, 15.06.2013). É esta uma das tarefas da educação sócio-política no contexto amplo do desenvolvimento humano integral.

Repensar a educação sócio-política

A educação é a grande reserva a ser descoberta continuamente e a saber valorizar para um futuro diferente, do qual as jovens gerações deverão ser protagonistas. Neste sentido, o percurso educativo para maturar um empenho sócio-político tem como base os princípios agora expostos, referentes à dignidade da pessoa humana e à sua natureza relacional, à responsabilidade de procurar o bem comum no exercício de uma política que assegure uma convivência pacífica e a construção de um mundo mais humano e sustentável.

O empenho sócio-político, além disso, atinge a sua finalidade quando se fundamenta sobre a **verdade**; age segundo a **justiça,** ou seja, no efetivo respeito dos direitos e no leal cumprimento dos respectivos deveres; orienta-se na **liberdade** que assume a responsabilidade do próprio agir; e é vivificado pelo amor, que faz sentir como próprias as necessidades e as exigências dos outros e em consequência se expressa na **solidariedade**. Estes valores sociais nascem e se desenvolvem da nascente interior da caridade e constituem as pilastras das quais recebe solidez e consistência o edifício do viver e do operar um empenho sócio-político (CDSC, nn.197-208).

Este apelo recíproco, próprio dos valores e das virtudes sociais, é expresso no paradigma *"Justiça, Paz, Integridade da Criação"* (JPIC), que afunda as suas raízes na visão profética de S. Paulo VI (Cf. GS, n. 90; e Populorum Progressio, n, 5). Posteriormente, S. João Paulo II colocou em evidência o cuidado da casa comum (Cf. Mensagem Paz 1990), que atingiu seu ponto alto na encíclica Laudato Si' de Papa Francisco (2015).

A meta da paz, de fato, será certamente atingida com a atuação da justiça social e internacional, mas também com a prática das virtudes sociais que favorecem a convivência para construir unidos, dando e recebendo, uma sociedade nova (Cf. CDSC, n. 203). É esta a tarefa confiada àqueles que exercitam uma cidadania ativa no âmbito sócio-político.

Dar escuta

Gabriella Imperatore, FMA
gimperatore@cgfma.org

"Como no tempo do profeta Jeremias, existem iniquidades que devem ser arrancadas, injustiças a serem demolidas, discriminações a serem destruídas, privilégios a serem abatidos, dignidades a serem reconstruídas e valores a serem plantados (Jer 1,10). A transformação positiva das nossas sociedades se inicia da recusa de todas as injustiças, que hoje encontram justificação na 'cultura do 'descarte' – uma enfermidade 'pandêmica' do mundo contemporâneo. Opor-se a isto constitui uma primeira atuação da justiça, sobretudo quando esta consegue restituir voz aos 'sem voz'. E entre estes últimos existem os migrantes, os refugiados e os excluídos forçados (desprezados), que são ignorados, desfrutados, violados e abusados no silêncio culpável de muitas pessoas (cf. Mensagem do Papa Francisco ao Forum Social Mundial sobre Migrações, Cidade do México, 2018).

"*Meu filho, olha o teu perfil à luz do espelho de lua que ilumina o céu, o teu sono inocente, as pestanas que parecem desenhadas. Eu te disse: "Dá-me a mão. Não te acontecerá nada*".

É o início da carta que faz emergir a voz de um pai sírio empenhado em escrever ao próprio filho pouco antes de empreender uma viagem perigosa para atingir as costas europeias procurando refúgio e salvação.

Nesta vieram à tona todas as recordações da infância paterna, das cores e dos sabores dele, menino e depois do filho, criança à sua volta, enquanto lhe são mostrados os mesmos lugares de uma infância que se despede. A Cidade Vecchia na qual conviviam a mesquita para os mulçumanos e a igreja para os cristãos. As estradas cheias de perfume de alimento e cores da tardinha, durante aqueles passeios mão na mão à mãe, que não poderão retornar. Porque pouco a pouco tudo perdeu cores e substância, de um protesto a um assédio, ao cume de uma guerra com as suas bombas e os seus mortos. Caídos pelo que chorar, lágrimas a derramar e um país a deixar.

Histórias como esta, as lemos tantas, escutamos quase cotidianamente as notícias e sempre com mais frequência nos sentimos na pele de quem não somente as vive, mas as fazem próprias e com a própria vida pagam uma viagem em direção da esperança.

Dar escuta, enfileirar-se do lado da vida, do lado dos direitos. É o dever de cada cidadão.

Em direção de algo diferente, novo e que dê respiro. Distante de uma guerra, das preocupações, da fome, dos desastres naturais e ambientais, das injustiças de um país que se revela cada dia mais distante do lugar chamado "casa".

Às vezes, porém, é esta uma realidade que não escutamos profundamente. Ou melhor, uma realidade que gostaríamos de esquecer, e o entanto nos toca, toca cada cidadão no mundo.

Desde o dia da morte de Alan Kurd, um menino sírio de três anos, morto por afogamento, continua o êxodo, as tentativas de enfrentar a mesma viagem continuam numerosas e muitos perdem a vida durante o trajeto. Cerca de 50 milhões de crianças no mundo estão realizando um percurso migratório. Para alguns destes a migração é positiva e as crianças e suas famílias se deslocam de modo voluntário e seguro. Mas para milhões de outras crianças a experiência migratória é cheia de riscos e perigos. Em muitos casos, as crianças e as famílias sem percursos suficientemente seguros e regulares para emigrar são constrangidas a dirigir-se aos responsáveis de tráfego e a empreender rotas informais perigosas que submetem a sua segurança a um enorme risco. Muitas das crianças que tentam atingir outros Países o fazem sozinhas, tornando a viagem ainda mais perigos (cf. UNICEF *Jornada Internacional para os Direitos dos Migrantes* de 18 de dezembro de 2018).

Peço que, quando as margens se afastarem até desaparecerem, e a nossa barca não for mais que um pontinho jogado entre ondas revoltas, prontas a engoli-la, Deus guie a nossa rota, porque tu és uma carga preciosa, Marwan, a mais preciosa de todas. Gostaria que o mar o soubesse. Inshallah (K.Hosseini).

É urgente saber escutar e entrar em ponta de pés no mundo destas crianças e jovens que se deslocam; se são acompanhados para alimentar a esperança de uma vida bela, boa e justa não viverão no medo pondo em risco a própria vida desesperados nestas viagens.

" Entre os migrantes, um outro percentual é constituído por jovens, entre os quais muitos são acompanhados por um familiar adulto e tantos chegam a um Pais estrangeiro em idade escolar avançada. Muitos correm o risco de terminar vítimas do tráfico de seres humanos e alguns desaparecem literalmente no nada. Existem portanto os jovens das segundas gerações, que experimentam dificuldades em relação à identidade e a mediação entre as culturas a que pertencem, particularmente quando existe uma grande diversidade social e cultural entre os países de partida e aquele de chegada; continuam a viver em condições de guerra ou de instabilidade política, alguns são recrutados à força ou com a manipulação em grupos paramilitares ou em bandos armadas, enquanto algumas jovens mulheres são roubadas e abusadas" (cf. Documento preparatório, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, II, p. 139).

Dá-me a mão, não te sucederá nada de mal" é **um convite à acolhida, à compreensão, à aceitação** de todos aqueles que são diferentes de nós, nos modos, nos gestos, na cor da pele, nas crenças e na proveniência. Hoje queremos ser melhores do que aquilo que somos, mais fortes de quanto seria humano pretender. As histórias dos outros não são somente notícias

lidas, mas são tantos pedaços de vida a escutar, encontrar face a face. E quando o único desejo é aquele de um futuro além do mar vasto e indiferente, então sim, é necessário coragem, é necessário olhar além, levar o olho e ouvido para além do mar, onde existem famílias numerosas, crianças, casas, escolas, trabalhos... minorias étnicas e religiosas forçadas a fugir. E então? **É impossível não saber que tudo isto compete a nós.** A história pede de estar à altura deste desafio, alargar os horizontes e acolher forças e culturas novas, dar escuta, conhecer e fazer cada um a própria parte.

Oração do Mar é inspirada na história de Alan Kurd (conexão ao link: (*https://it.wikipedia.org/wiki/Morte_di_Alan_Kurdi*), menino sírio de 3 anos que, em setembro de 2015, foi afogado no Mar Mediterrâneo enquanto procurava chegar à Europa e a salvação. O livro é dedicado aos milhares de refugiados que, como Alan, morreram no mar enquanto fugiam da guerra e do desespero do seu País.

II Sínodo e as mulheres

Paolo Ondarza
paolo.ondarza@gmail.com

Quase quatro semanas de intenso trabalho: bispos, sacerdotes, leigos, mulheres e homens dos 18 aos 80 anos, reunidos por uma grande paixão: o mundo juvenil. Aconteceu no Vaticano do 3 ao 28 de outubro de 2018 com o desenvolvimento da XV Assembleia Ordinária do Sínodo sobre "Os jovens. A fé e o discernimento vocacional".

A comunidade eclesial, solicitada pelo Papa Francisco, se colocou na escuta dos jovens. Com eles fez discernimento e, ao final, encaminhou um processo para uma pastoral juvenil em um mundo às voltas com desafios sempre novos. Daí resultou um Documento Final, fruto da contribuição de todos os participantes, 267 Padres, 23 especialistas e 36 jovens. Do texto emerge a solicitação de uma Igreja sinodal, como uma Igreja que deseja caminhar junto, sem excluir ninguém. Uma Igreja onde as periferias, os últimos ou todos aqueles que até o momento não exerceram papéis e decisão, estão no coração, ao centro. Não podia faltar no debate da Sala do Sínodo o foco sobre a questão feminina. Entre as instâncias levantadas pelos jovens que tomaram parte no Pre-Sínodo, a reunião que precedeu a Assembleia dos Bispos no outono passado, existia de fato superação de toda discriminação e a procura de um debate franco e aberto sobre o reconhecimento das oportunidades iguais na sociedade e na Igreja.

A reciprocidade

No texto emerso ao final da assembleia dos Bispos a palavra "mulher" aparece bem 29 vezes e, se durante os trabalhos alguns observadores denunciaram a falta da possibilidade de voto dada às participantes do Sínodo, as conclusões a que chegaram deixam entrever os passos quase irreversíveis na direção de uma renovada corresponsabilidade. "Muitas mulheres – compara-se - desenvolvem um papel insubstituível nas comunidades cristãs, mas em diversos lugares é difícil dar-lhes espaço nos processos de decisão, mesmo quando estes não exigem responsabilidades ministeriais específicas. A ausência da voz e do olhar feminino empobrece

o debate e o caminho da Igreja, tirando ao discernimento uma contribuição preciosa. O Sínodo recomenda tornar todos mais conscientes da urgência de uma inevitável mudança, também a partir de uma reflexão antropológica e teológica sobre a reciprocidade entre homens e mulheres". A diferença, se observa, é uma riqueza, mas pode ser também "o âmbito no qual nascem formas de domínio, exclusão e discriminação da qual toda a sociedade e a própria Igreja têm necessidade de libertar-se". A Bíblia, de fato, "apresenta o homem e a mulher como parceiros iguais diante de Deus e toda dominação e discriminação baseada sobre o sexo ofende a dignidade humana. Essa concebe também a diferença entre os sexos como um mistério tanto constitutivo do ser humano quanto irredutível a estereótipos". À relação homem/mulher, compreendida em uma vocação para viver juntos no diálogo, na comunhão e na fecundidade em todos os âmbitos da experiência humana – continua o texto – Deus confiou a terra.

A sinodalidade

Com a finalidade de dar um caráter prioritário à exigência de conseguir o nível de uma plena reciprocidade, foi determinante a participação dos jovens no Sínodo. Estes, de fato – lê-se no Documento Final - contribuíram para "despertar" a sinodalidade como "dimensão constitutiva da igreja e à qual a Igreja é chamada a converter-se. Missão específica da comunidade eclesial é o Povo de Deus formado por jovens e anciãos, homens e mulheres de toda cultura e horizonte. Um estilo sinodal não pode deixar de refletir sobre a condição e sobre o papel das mulheres na Igreja e na sociedade. "Um âmbito de particular importância a este respeito é aquele da presença feminina nos órgãos eclesiais em todos os níveis, também em função de responsabilidades, e da participação feminina nos processos decisivos eclesiais em respeito ao papel do ministério ordenado. Trata-se de um dever de justiça, que encontra inspiração tanto no modo no qual Jesus se relacionou com homens e mulheres do seu tempo, quanto na importância do papel de algumas figuras femininas na Bíblia, na história da salvação e na vida da igreja". Modelo de referência primária é a Virgem Maria, exemplo de humildade para a Igreja: unida à vontade de Deus e distante do Espírito do mundo e do carreirismo clerical ou laical. "Jovem mulher que com o seu "sim" tornou possível a encarnação eclesial criando as condições para que toda outra vocação eclesial possa ser gerada"; primeira discípula de Jesus, que seguindo seu Filho até ao pé da cruz, e, depois da ressurreição, acompanhou a Igreja nascente a Pentecostes".

A corresponsabilidade

O Sínodo evidenciou, portanto, a necessidade de valorizar os "carismas que o Espírito Santo doa segundo a vocação e o papel de cada um" dos membros da comunidade, através de um dinamismo de corresponsabilidade. "Para ativá-lo torna-se necessária uma conversão do coração e uma disponibilidade à escuta recíproca, que construa um efetivo sentir comum". Somente " animados por este espírito", poder-se-á proceder em direção a uma Igreja participativa e inclusiva, capaz de valorizar a riqueza da variedade da qual se constitui, acolhendo com gratidão também a participação dos fiéis leigos, entre os quais jovens e mulheres, aquele da vida consagrada feminina e masculina, e aquela dos grupos, associações, movimentos". Emerge com força a necessidade de uma igreja na qual " ninguém deve ser colocado ou possa colocar-se à parte. É este o modo tanto para evitar o clericalismo, que exclui a muitos dos processos decisórios, quanto a clericalização dos leigos, que os fecha ao invés de lança-los para o empenho missionário no mundo". Durante o debate em sala não faltou quem, diante da reprovação e raiva dos jovens pelos escândalos pediu de incrementar a presença feminina na Igreja, na convicção de que as mulheres tenham a capacidade de quebrar aqueles "círculos clericais fechados" que podem ter favorecido em alguma medida para abafar os abusos sexuais. De várias partes se levantou o apelo a rejeitar qualquer forma de exclusão ou preconceito e acelerar os processos de luta à cultura machista e ao clericalismo para desenvolver uma cultura que promova o total respeito à mulher e o reconhecimento dos seus carismas. A questão assumiu um caráter totalmente prioritário a ponto de fazer nascer em alguns participantes o questionamento se seja oportuno ou não convocar um Sínodo universal dedicado ao tema da mulher. Do mesmo modo veio à luz a necessidade de potenciar a presença feminina nos seminários e nas casas de formação.

O acompanhamento dos jovens

Recebeu grande apreço a proposta de promover equipes compostas por leigos e consagrados, homens e mulheres, e destinados ao acompanhamento dos jovens. "De fato, o trabalho de equipe - afirmou **Ir. Nathalie Becquart**, ouvinte no Sínodo, ex-diretora do Serviço Nacional para a Evangelização dos jovens e para as Vocações da Conferência Episcopal da França durante os trabalhos do Vaticano – é um grande desafio para unir e apoiar os jovens que amam o trabalho em equipe e valorizam a diversidade. Para ir adiante, eles têm necessidade de encontrar diversas figuras de referência em seu percurso, de toda idade, homens e mulheres, sacerdotes, leigos e consagrados. Pedem que quem os acompanha no discernimento vocacional e na catequese mostre a diversidade da Igreja". Este é um chamado a sair do clericalismo, a não delegar o papel de "guias" somente aos sacerdotes. "Os jovens – prosseguiu Ir. Nathalie – têm necessidade de ver uma Igreja de rosto duplo, feito de homens e mulheres: uma Igreja plural, inclusiva, que procura caminhar junto". "Estamos todos na mesma barca, para navegar neste mundo". Seríamos estultos se renunciássemos ao potencial das mulheres", disse de sua parte o **Cardeal Reinhard Marx**, Arcebispo de Mônaco e Frisinga e Presidente da Conferência Episcopal da Alemanha, levando a atenção à experiência da Igreja alemã, onde tantas mulheres estão envolvidas na organização da pastoral.

A questão feminina, portanto, permanece sobre a mesa, também porque como reafirmado no Documento Final do Sínodo, o término dos trabalhos no Vaticano não fecha o processo, mas se constitui em uma etapa. Será tarefa das Conferências Episcopais e Igrejas particulares prosseguir no percurso envolvendo Famílias, Institutos religiosos, associações, Movimentos e naturalmente Jovens, para que a "chama" do Sínodo se apague.

Saudade espiritual

Anna Rita Cristaino, FMA
acristaino@cgfma.org

Vivemos em uma atmosfera de rumor absurdo, não somente exterior, mas também interior, em que os efeitos recaem sobre toda a nossa vida, que corre o risco de tornar-se sempre mais vazia, superficial, impermeável àquilo que requer uma escuta e uma tensão vigilante.
Com frequência os mesmos jovens declaram que estão saturados de informações, excitados por impressões múltiplas e heterogêneas, e assim, para eles, a única defesa é tornar-se pouco a pouco indiferentes a quase tudo. Palavras, sons, rumores, imagens prendem a sua atenção, e procuram a emoção, a novidade, o sensacional, a surpresa.

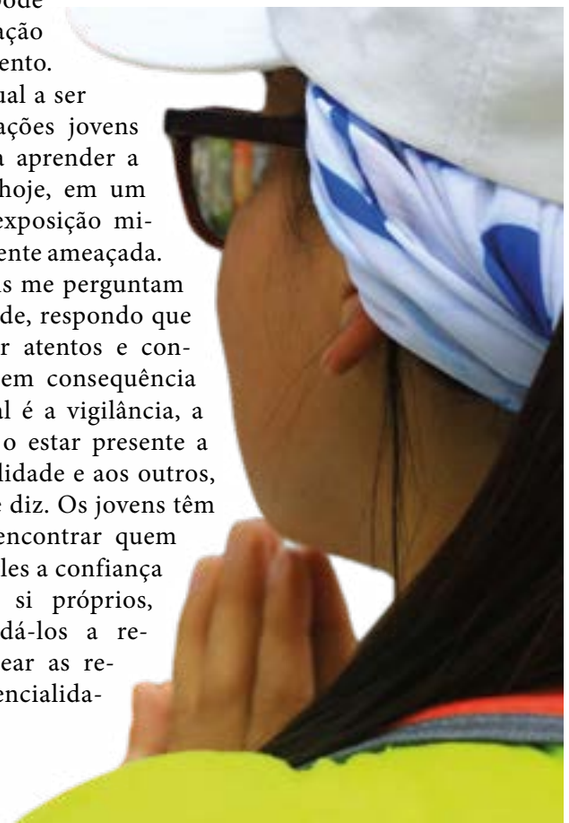
Em todo este rumor, o **silêncio,** indispensável à escuta, inquieta, se foge dele como se escapa do escuro. O silêncio pertence à arte da comunicação, permite viver em modo fecundo a solidão, favorece a escuta atenta, afinal as nossas faculdades de discernimento induzem à criatividade. O silêncio nos ajuda a frear as nossas paixões e as nossas agressividades. Silêncio é não se deixar distrair, saber ficar sempre em comunhão com as coisas, consigo mesmos, com o outro, com a realidade.
Apesar do rumor, os jovens não perderam a vontade de procurar repostas de sentido; neles se esconde uma nostalgia por alguma coisa de profundo e de Outro. Muitos se declaram ateus, indiferentes, mas no fundo procuram uma declinação da fé capaz de falar ao humano e de integrar dramas e sofrimentos. Procuram uma acolhida incondicionada que não julga e não pede nada.
Querem satisfazer a sua sede de espiritualidade na concretude do encontro com alguém com quem possam confrontar-se com simplicidade e humanismo e ver melhor aquilo que são e o que querem ser. O mistério da vida, a busca de sentido, procura de felicidade, habitam no coração de todo ser humano, adulto e jovem, crente ou não.

"Fazer silêncio é uma ação interior que pode dar fundamento espiritual ao viver. Solidão e silêncio são necessários para uma higiene da alma, uma ecologia do espírito, para nutrir uma relação fecunda consigo mesmos. E para reter os traços essenciais da relação com os outros, os elementos basilares de uma gramática do humano que ajude também a viver com harmonia aquelas relações cotidianas que estão, com frequência, no coração dos desequilíbrios, violências, abusos, disfunções e que criam tanto sofrimento" (Luciano Manicardi).

Escuta e acolhida significam sim incondicionado às pessoas sem pedir, sem colocar condições, sem pretender conhecê-las já, mas somente acolhendo aquilo que de si entendem comunicar. E obviamente, sem nunca julgar. Eis a importância do silêncio. Um presente, que como educadores podemos dar aos jovens, é ir ao encontro das suas situações de pobreza relacional dando tempo, escuta, palavra, presença.
A busca de espiritualidade se pode declinar como pedido de relações e se pode tornar uma relação de acompanhamento. Exercício espiritual a ser proposto às gerações jovens seria aquilo para aprender a admiração, que hoje, em um tempo de superexposição midiática, é gravemente ameaçada. Quando os jovens me perguntam o que é a santidade, respondo que é a arte de estar atentos e conscientes e viver em consequência disto. O essencial é a vigilância, a conscientização, o estar presente a si mesmos, à realidade e aos outros, ao que se faz e se diz. Os jovens têm necessidade de encontrar quem saiba infundir neles a confiança acreditando em si próprios, quem saiba ajudá-los a reconhecer e nomear as reservas e as potencialidades que têm em si mesmos e que são também reservas de futuro. Porque o futuro nasce também com a interioridade. Trata-se de desenvolver a imaginação, criatividade, desejo e também coragem.

Pressionados entre promessas não mantidas, transmissão de experiência não realizada e imperativo de responsabilidade que exige deles que "sejam eles mesmos", de construir a própria identidade, de reger os diferentes laços sociais, os jovens são tentados à fuga de si próprios, pela alienação e pelo anonimato, pelo engano, pela extrema mobilidade das amizades, pela evasão no virtual, por preferir a conexão à realização. Enfim, é necessário coragem para estar no mundo. Ter coragem significa agir "malgrado", viver " apesar de ..." .
(Enzo Bianchi)

Para alguns jovens "Deus" é uma palavra indiferente e, em alguns casos, muito ambígua. As imagens de Deus transmitidas pela tradição parecem distantes do seu mundo. As narrações bíblicas são vividas como narrações mitológicas. O evento da encarnação de Jesus, uma fábula a ser contada no Natal. Muitos quase não se ocupam mais com o problema de Deus. Estão convictos de que estão bem assim.



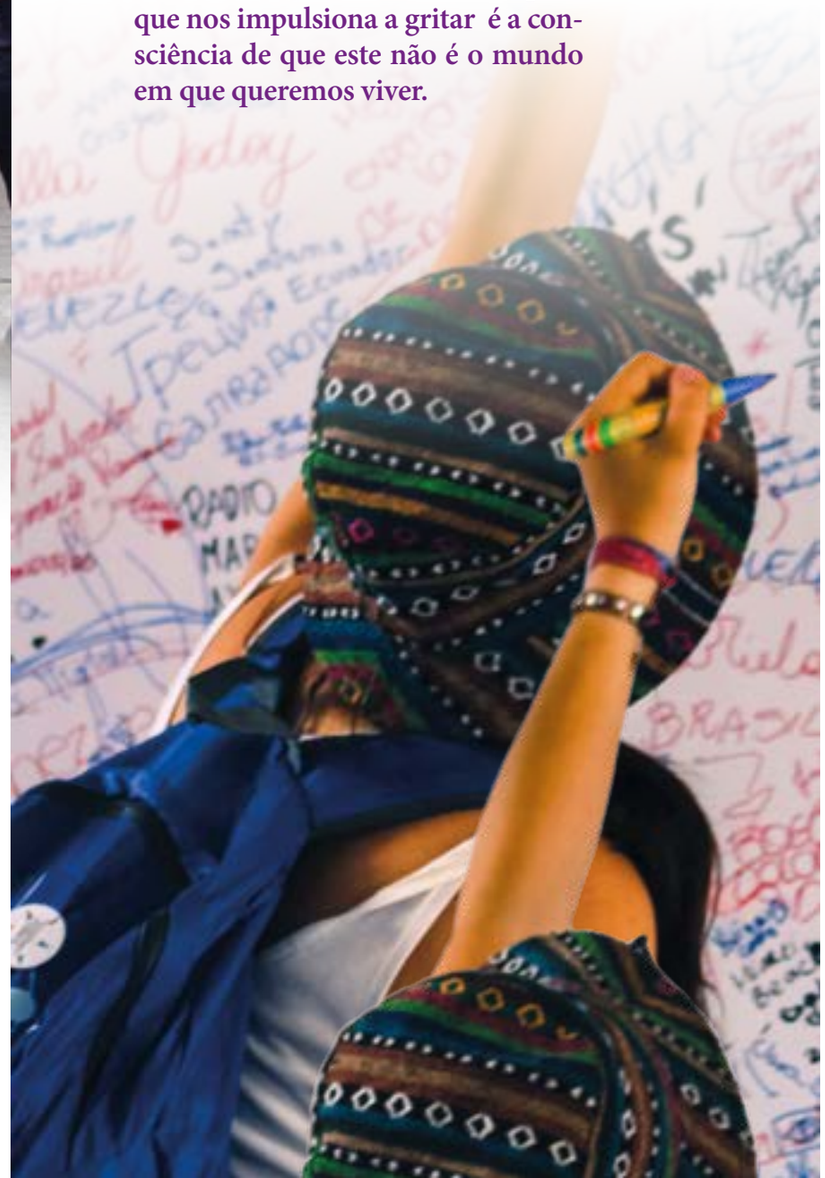
" Eu sou uma missão quando? "
Os alunos da terceira série de um Liceu respondem:
Quando faço algo de bom
Quando ajudo as pessoas
Quando enfrento os meus medos e algumas vezes os supero
Quando estou presente nos momentos difíceis das pessoas que amo
Quando prender e soltar tudo seria fácil, mas não o faço
Quando sacrifico alguma coisa pelo bem de um outro
Quando faço maquiagem em minha mãe para fazê-la sentir-se mais bonita
Quando faço música e me recordo de quem me ensinou
Quando tento explicar matemática à minha companheira de banco
Quando me ofereço à arguição porque ninguém na classe está preparado
Quando reconheço as minhas fraquezas, quando no escuro olho os lados positivos
Quando partilho a minha paixão
Quando atinjo um objetivo difícil
Quando respeito a diversidade
Quando dou o meu tempo
Quando as pessoas durante um meu concerto tomam o tempo com os gestos
Quando compro um pãozinho no Mc Donald's para mim, mas depois o levo a um sem casa
Quando aquela pessoa cai e eu, ainda ferida, a ajudo a levantar-se
Quando as pessoas que me amam são orgulhosas de mim
Quando assumo a responsabilidade do mundo
Quando cuido do meu jardim

Jovens invisíveis

Veronica Petrocchi
veronica.petrocchi91@gmail.com

Não somos mais invisíveis, somos de carne e osso. O nosso pais e o mundo inteiro estão à deriva e somos nós, os jovens, a salvá-lo. Esta afirmação não deve ser mal entendida, aquilo que nos impulsiona a gritar é a consciência de que este não é o mundo em que queremos viver.

Como levá-los a "sentir" e a "compreender", que aquele vazio que têm dentro que com frequência se transforma em crise de pânico, ou aquele sentido de incompletude, ou o de desorientação, é talvez somente desejo de interioridade, desejo de transcendente, vontade de abandonar-se nas mãos de um Deus onipotente?
Urge então "fazer ver" Jesus Cristo aos jovens assim como será aberta a estrada para ir ao Pai, a Deus. Hoje se faz ver Jesus com ações, comportamentos, estilo, palavras, então se é forçado a tornar a esperança do Evangelho estranha ás novas gerações escuta do homem leva a conhecer a escuta de Deus como dimensão na qual ele mesmo é imerso, que o precede e fundamenta. A fé nasce da escuta" (Luciano Manicardi).



Nos últimos anos uma série de decisões econômicas e sociais puseram em sérias dificuldades milhões de famílias, constrangeram tantos jovens a encontrar fortuna longe dos afetos, perdeu-se o desejo de ir ao encalço das próprias paixões. A história, as ciências, a arte, foram categorizadas nos últimos anos como "hobbies", postas à parte de outros ofícios mais rentáveis. "O tempo é dinheiro", é o slogan que acompanha o crescimento de tantos jovens e é por isso que hoje um pai aprova que o próprio filho faça o *youtuber* ou a filha adolescente a *influencer* nas Network Sociais, muito mais que empreender um percurso universitário.
Pude falar com alguns jovens; o fato triste de uma delas me atingiu particularmente. À pergunta:" que farás depois, na maturidade?" respondeu: "Escrever-me-ei em Filosofia", recordando a face espantada dos pais que, sem pensar muito, lhe haviam respondido incrédulos: "E depois como viverás?".
Não esconde a ferida de uma afirmação que é facilmente traduzível com: " O estudo é uma perda de tempo". Até vinte anos atrás se falava da " arte de ensinar", e considerada uma das profissões mais nobres e importantes para a sociedade. A educação gera

pessoas capazes de exprimir uma própria opinião, em grau de desenvolver o senso crítico, de cumprir escolhas democráticas; o educar é a linfa vital para uma democracia.

Queremos ser livres, exijamos os grandes ideais e lutemos pelos nossos direitos de estudo, liberdade, igualdade.

O Sínodo, concluído há pouco tempo, representa um ato de amor revolucionário, porque deu novamente a nós, jovens, a vontade de rebelar-nos para sermos interlocutores corajosos nesta sociedade. Não somos categoria nem faixas da população, somos pessoas. Somos os cidadãos, os pais, os construtores do presente e do amanhã. Papa Francisco nos tirou assim, da zona de conforto – aquela reservada aos invisíveis – e nos colocou no centro do diálogo com os Bispos assumindo todas as responsabilidades que daí derivam.

Caros jovens, tenham a coragem de entrar, cada um, no próprio interior e perguntar a Deus: o que queres de mim? Deixem que o Senhor lhes fale, e verão a sua vida transformar-se e encher-se de alegria
(Papa Francisco)

Sentimo-nos escutados e entendidos por uma geração, a adulta, que reconhece poder contar conosco, jovens, porque empreendedores, sonhadores, felizes. Queremos assumir as nossas responsabilidades e inverter o sentido da marcha. Estamos prontos a arregaçar as mangas para construir um novo futuro que não queremos empreender sozinhos, mas juntos com vocês, mães, pais, educadores, profissionais capazes de escutar-nos e de caminhar juntos.

Promotores de esperança

O Sínodo nos estimulou à esperança, que nos faz sermos promotores deste espírito de renascimento. Deixemos cairos sentimentos negativos e façamo-nos invadir pela potência regeneradora dos nossos valores cristãos, e recuperar o sentido originário do bem comum. Alguns anestesiam as consciências com a iniquidade e confundem, sem perceber, o bem comum com o bem-estar, especialmente quando são eles a gozar. O Pontífice, ao invés, nos recorda que como cristãos somos "*chamados a ser fermento em meio ao povo*", levando a nossa mensagem de esperança e de solidariedade à sociedade. Queremos construir pontes, mesmo se às vezes, se erguem muros entre culturas, entre ricos e pobres, entre gerações.

O segredo da vocação é sair de si mesmos e colocar-se a serviço dos outros. A nossa vida encontra significado somente no serviço a Deus e ao próximo (Papa Francisco).

Papa Francisco e os Padres sinodais nos restituíram a alegria de ser cristãos, mesmo se não é sempre fácil ser jovem e ser cristãos. Ser livres de uma sociedade democrática é um direito exigido às vezes com a violência. Mas nós jovens queremos dialogar, denunciar as injustiças e lutar pelos direitos pisoteados, independentemente da fé professada e da opinião pessoal.

Portadores de paz

Queremos repensar o nosso papel de jovens cristãos na sociedade, para sermos verdadeiras testemunhas da beleza da Palavra e portadores de paz. Queremos aprender a desativar as situações de ódio e a transformar o déficit de amor em novas possibilidades de confronto e de crescimento. O Sínodo nos aliviou o coração de um peso que nos estava arrastando para baixo, nos sentíamos confusos e estávamos perdendo a estrada do bem. Hoje, ao invés, podemos decretar o início de uma nova missão à qual somos chamados e que queremos empreender; um percurso que diz respeito a todos e que podemos procurar naqueles lugares distantes da tolerância, da inclusão, impregnados de ódio. É dali que queremos partir novamente para jogar as bases de uma sociedade melhor, com o olhar e a ternura de uma criança, o único capaz de colher o essencial da vida em uma sociedade consumada por um egoísmo e pelo supérfluo.

A plenitude da vida deve ser procurada no cotidiano, nos lugares de trabalho, nos relacionamentos interpessoais, nas Universidades e não queremos envergonhar-nos, ao contrário, nos empenharemos em valorizá-la para multiplicá-la com coragem e paixão. Nós jovens, não temos necessidade de "*nem de doutrinadores nem de ativistas* – para usar as palavras do Santo Padre na conclusão do Sínodo dos Jovens – *mas de testemunhas de Jesus*" prontos a fazer-se próximos ao lado dos últimos.

Periferias resgatadas

Elisa Molinari, FMA
elisamolinari@yahoo.it

A arte- de- rua é a linguagem juvenil por excelência, que dá voz às periferias, que tem a coragem de fazer verdade, que sabe levar beleza e esperança contra a degradação humana e

Se em um tempo eram chamados *Writers* porque com o seu spray povoavam muros e comboios dos trens com escritos e desenhos exagerados e além do mais, incompreensíveis, que eram considerados um ultraje à ordem e à polícia, portanto proibidos e removidos com detergentes especiais e branqueadores improvisadas, os novos *Street Artist* hoje são reconhecidos como artistas e as suas obras procuradas. Se os das gerações precedentes estavam sempre em fuga e exerciam um trabalho individual e no anonimato, hoje também as modalidades comunicativas mudaram e os sociais têm obrigação de estabelecer um contato e difundir a própria obra. Não por acaso, o famoso artista **Banksy,** na sua última provocação tornada "viral" na Web, postou um vídeo no Instagram no qual explica ter escondido o mecanismo de trituração na moldura da sua tela, representando o mural "Girl With Balloon" [Menina com Balão], no caso fosse colocada a leilão – e portanto condenada ao destino da comercialização. Coisa mais interessante, parece que o artista mesmo, cuja identidade é desconhecida, estivesse presente na multidão no momento em que a casa da exposição Soctheby's la abateu por 1,04 milhões de esterlinas, pressionando o dispositivo que acionava o aparelho e talvez até filmando a cena. Depois dos primeiros átimos de compreensível espanto – se não choque – a obra, quase completamente destruída, viu o seu valor subir vertiginosamente! Como? Porque a arte é *performativa:* torna performance e portanto opera artística também o vídeo da criação de uma obra... ou da sua destruição! Não por acaso, como comentário do seu gesto, Banksy utiliza mesmo uma citação de Picasso: "Também a urgência de destruir é uma urgência criativa". O artista, portanto, enquanto se esconde, difunde e torna popular aquilo que nasce como provocador e contra a Instituição.

> *"O novo terreno de encontro é o não-lugar de internet, onde a democracia da arte não é mais conquista, mas substrato para uma troca cultural que é, em si própria, cultura"* (Valeria Arnaldi).

Os rostos da Arte-de-Rua

Falando aos jornalistas de periferias, Papa Francisco diz: *"Com muita frequência, os lugares nevrálgicos da produção das notícias se encontram nos grandes centros" e isto corre o risco de fazer-nos "esquecer as histórias das pessoas que vivem distantes, longínquas". "São histórias às vezes de sofrimento e de degradação; outras vezes são histórias de grande solidariedade que podem ajudar a todos a olhar a realidade de modo renovado".* Sair das galerias e dos salões de arte para levar a própria mensagem, colocar e dar novamente sentido as não-lugares urbanos, encontrar e recontar ao povo que a cidade a vive e a percorre cotidianamente são a missão, dos *Street Art* [Artistas de Rua] contemporâneos que vivem e trabalham na cidade.

Jorit Agoch, nascido em Nápoles de um pai italiano e mãe holandesa, há 13 anos iniciou a pintar com o spray nos muros do bairro onde nasceu, Quarto, na periferia norte de Nápoles. Inconfundíveis as suas gigantes grafias hiper-realístas de vultos famosos – Massimo Troisi, Maradona, Eduardo di Filippo, São Genário, Paulo Cannavaro – mas também rostos comuns, dos olhares intensos e penetrantes, onde representa com cuidado, com atenção aos mínimos detalhes porque *"Quanto mais pesquisas, mais vais a fundo na realidade, mais vês a realidade com olhos diversos"*. Depois da sua primeira viagem à África, inicia a marcar os rostos com duas faixas vermelhas sobre as faces, recordando os ritos iniciados de passagem à idade adulta e de pertença "à mesma tribo humana" afirmando: *"As classes sociais, as diferenças de religiosidade ou de pele, diante da humanidade que nos une a todos, são pouco ou nada"*. Os seus murais falam também de resgate de uma luta: justamente em julho passado Jorit Agoch foi aprisionado perlas forças da ordem enquanto era decidido a realizar um retrato de Ahed Tamini, uma jovem de 17 anos que se tornou o ícone da oposição palestina, ao longo do muro que divide Cisjordânia e Israel. Enfim, não falta o desejo de restituir beleza ás periferias, de levar outros tipos de exemplos e mensagem aos jovens dos bairros degradados, como explica ele mesmo: *"Onde o feio reina soberano, se torna um museu a céu aberto"* (*www.jorit.it*).

O artista de origem de Cameron, **Afran,** pseudônimo de Francis Nathan Abiamba, transformou com a arte de rua o muro da estrada dos peões rua Carlo Porta em Lecco. ""Nunca sozinhos se solidários" é o nome do projeto e são sorrisos de tantos transeuntes que a cada dia trafegam pela rua a acompanhar com a sua serenidade o percurso, porque *"Um sorriso pode mudar-nos a jornada, o experimentamos na vida: às vezes basta um olhar feliz, um amigo que nos rouba uma risada, para cancelar pensamentos ruins e esquecer, ao menos um pouco, as rotinas cotidianas"*. Afran conta que não foi fácil inicialmente para ele, artista de cor, enfrentar a rua, desafiar os preconceitos e pedir aos transeuntes para serem retratados, mas teve força saindo antes de tudo de si próprio para ir ao encontro do outro para procurar o diálogo. Com sua grande admiração, nasceram verdadeiras e próprias amizades com os seus "sujeitos", que ainda lhe fazem contato no celular. *"Tudo nasce por acaso, é uma alquimia entre as pessoas que percorrem o caminho, alguns param a perguntam o que estamos fazendo aqui, explicamos que queremos representar a cidadania de Lecco que olha para o futuro com positividade... vocês compreendem! Ali envolvemos diretamente e temos feito fotos a quem quis emprestar o próprio sorriso para este trabalho. É tudo muito espontâneo e improvisado, e isto dá uma aproximação também performativa ao trabalho"* (*www.afran.it*).

Identifica-se como Cibo o jovem artista **Pier Paolo Spinazzè,** cuja missão pessoal é limpar os muros da sua cidade e da província de Verona de suásticas, cruzes célticas e mensagens de ódio, cobrindo-os com morangos, melancia, bolinho e outras coisas de comer. *"É um meu dever cívico e um direito, porque eu me sinto no direito de cancelar estas coisas, enquanto fazendo arte pública devo ter cuidado da minha cidade e a sinto como a minha galeria de arte. Como explicarás uma suástica a uma criança? Não vai bem..."*. Porque logo alimentos? Para nutrir-nos com mensagens suculentas, vivazes, mas sobretudo boas: *"Procuro divulgar um pouco de cultura, valorizar a região, e, se possível, arrancar uma racionalização. Eu sou Cibo [alimento], mas todos o somos um pouco, por outro acaso não somos aquilo que comemos?!"*. Cibo concebe a arte da rua como uma ideia que, como tal, não é para sempre, hoje tem, amanhã pode ser cancelada e se pode criar uma outra. Eis porque quando " os costumeiros desconhecidos" com os suas pichações negras devastam as suas guloseimas, está pronto a fazer tornar o sorriso com os seus "spray anti-nazi" e novas coloridíssimas formas (*www.ilpier.it*).

Arte Salesiana de Rua A arte-de-rua não é a primeira testemunha de "Igreja em saída". Também o grande arquiteto **Antoni Gaudì**

aplicava este conceito: narrar sobre os muros, sobre as torres e sobre os pináculos da Sagrada Família as cenas da vida de Jesus e da Santa Família, para atrair sucessivamente os fiéis para o interior do templo. Hoje também permanece válido este conceito: para atingir todos os jovens, sobretudo as periferias, as linguagens mudam e é necessário "amar aquilo que os jovens amam" valorizando aquilo em que são mais espertos. Dois exemplos " novos de spray" os pegamos das casas salesianas.

d-Egon Z &Omer TDK, no registro Federico Unia e Diego Zuodar (*www.d-egon.com* e *www.omertdk.com*), realizaram ao lado da entrada principal da Escola Maria Auxiliadora de São Donato Milanese (Milão) um mural de 19m de extensão que sintetiza as origens da escola e o projeto educativo que a identifica, dialogando com a região. À esquerda, o rosto de Enrico Mattei – fundador da escola e primeiro Presidente da sociedade Eni, que deu vida ao quarteirão inteiro – se funde com o de D.Bosco, para representar a visão semelhante em matéria de educação. Ao centro, duas crianças empenhadas em desenhar com o giz um cão que recorda "o Grigio", mas também o cão a seis patas, símbolo do Eni. À direita, o rosto de Madre Mazzarello e foi o próprio Mattei, sob conselho do então Cardeal de Milano, Montini, a confiar em janeiro de 1957 a gestão da Escola às FMA. Do ponto de vista simbólico, as presenças educativas abraçam o coração e a inocência das crianças para protegê-las. O letreiro, em vermelho, é um outro elemento essencial que compõe, que se desenvolve em espiral ao logo de todo o muro, mas se torna legível somente ao centro com o slogan *"A educação é coisa de coração"*.

Para concluir **Andrea Sérgio, em arte Mr. Vany** (*www.wanyone.com*), rua artist brindisino, é o protagonista de um projeto ambicioso, iniciativa dos salesianos para os 150º. da Basílica e cuidado pela Missão D. Bosco: a História de D. Bosco, na superfície do muro entre a rua Maria Auxiliadora e rua F. Cigna em Turim. A obra, em 170 metros quadrados, percorre as etapas principais da via de D. Bosco, dialogando com a arquitetura da basílica e integrando-se com o espaço urbano do entorno. "Acredito que os jovens de hoje devam redescobrir os valores importantes e que D. Bosco possa ajudá-los a fazer isto. O importante é que não exista nenhum tipo de imposição no relacionar-se com um jovem, que um deva ter satisfação em frequentar a Igreja onde se pode falar de tudo, onde existe amor cristão, respeito recíproco e onde existe toda uma série de valores que é necessário preservar". O resgate das periferias pode acontecer se soubermos reconhecê-las como novos espaços de esperança e de evangelização, contra a degradação e o desespero que com frequência as habita.

O teatro educativo, uma prática antiga e sempre nova

Caterina Cangià, FMA
sisternet@thesisternet.it

O binômio teatro-educação é fonte de numerosas práticas que abraçam as esferas cognitivas, emotiva e de impulso à ação das crianças, dos adolescentes e dos jovens confiados à missão pastoral das Comunidades Educativas das Filhas de Maria Auxiliadora. Os toques educativos e formativos que o teatro oferece vão desde o desenvolvimento da corporeidade ao desenvolvimento da criatividade, porque o teatro permite "escutar e ver" a vida em primeira pessoa refletir sobre e exprimir-se. Pela sua natureza peculiar o teatro é simulação, é representação da realidade, é ocasião de formação e de pastoral porque é um maravilhoso meio para conhecer-se, auto-avaliar-se e para reforçar as dinâmicas relacionais.

Este ano nos reunimos sobre quatro propostas. A primeira acena ao teatro de figura, de grande valor didático e educativo sobretudo com as crianças através do uso de palhaços, marionetes, cenas de fundo, sombras e objetos enquanto protagonistas do espetáculo teatral e expressões de uma linguagem fortemente visual, auditiva e sensorial. A segunda proposta ensina a escrita colaborativa de breves dramatizações que requer a análise de conflitos e de emoções através da ação e do diálogo. A atenção ao teatro de prosa e ao teatro musical, as duas formas principais de expressão teatral constitui a terceira proposta que nos levará a confirmar como as várias técnicas expressivas e comunicativas educam por si mesmas quando giram em torno de conteúdos formativos. O "renovado dinamismo jovem" emerge sempre do desejo dos adolescentes e dos jovens de serem protagonistas. Concluiremos com o *Tanztheater,* fusão da dança com vários elementos dramáticos, utilizáveis para reflexões "plásticas" com o fim de realizar passos de mudança para orientar-se e orientar os jovens para a comunhão e a alegria e com a *expression corporelle* [expressão corporal] como sublime representação de conteúdos espirituais.

Entre "desfrutar do teatro" ao "fazer teatro"

Não é simples abraçar a expressão teatral e o seu resultado não é previsível. O sucesso depende de vários fatores, primeiro entre os quais considerar o teatro como uma atividade educativa em sentido pleno e não um passatempo, uma moda, uma expressão livre e privada de regras. Identificamos com o "fazer teatro" seja a participação de crianças, adolescentes e jovens a uma representação no papel de espectadores, seja a produção de um espetáculo, seja a verdadeira e própria dramatização, onde a criação de situações com a consequente assunção ativa de papéis que não a finalidade de colocar em cena um espetáculo, mas de criar uma situação dramatúrgica para convidar à escuta e à reflexão.

Em geral, a expressão "teatro educativo" não se refere unicamente às atividades desenvolvidas em âmbito escolar, nem prevê como indispensável a transmissão de um conteúdo de fundo moralista, mas resume todas aquelas atividades desenvolvidas seja em âmbito escolar que no tempo livre têm como única finalidade o crescimento e o amadurecimento das crianças, dos adolescentes e dos jovens. Mais que descrever a relação entre teatro e educação, somos aqui convidados a refletir sobre os pontos de encontro das crianças, adolescentes e jovens com uma comunidade que, servindo-se do teatro, os educa. O contato com obras de artes teatrais, a aquisição de conhecimentos e competências sobre o teatro e a própria expressão pessoal criativa teatral são, todas as três, atividades a terem conotação de "educativas", porque assistir a um espetáculo de qualidade é uma atividade que prepara, faz refletir e faz reelaborar. A fruição de um espetáculo é uma experiência de grupo rica e emotivamente envolvente, que tem um "antes" (a preparação à fruição que fornece aos jovens informações sobre o teatro e informações sobre o espetáculo que será visto), um "durante" (o tempo da fruição com a elaboração imediata do

que foi visto) e um "depois" (o depois-espetáculo, onde se reflete, se discute e se faz emergir, do grupo, os valores veiculados pelo espetáculo). Ir ao teatro faz exercitar na escuta através do que foi ouvido e visto. Se os jovens pedem às educadoras e aos educadores esta primeira forma de linguagem " verdadeira e audaz", devem também saber praticá-la. Educando à escuta autêntica, que não se lança imediatamente na interpretação através de filtros pessoais, mas que procura entender e acolher do Outro quanto exprime na sua realidade e verdade, pode ser facilitado por uma fruição "educada" pelo espetáculo teatral. A este propósito, para a escola da Infância e Elementar e sobretudo para a catequese dos pequenos, um meio muito eficaz é o teatro **Kamishibai,** termo japonês que indica um "espetáculo teatral de papel". Trata-se de uma forma de narração dos efeitos teatrais de grande impacto sobre os pequenos. São utilizadas ilustrações nas quais a história é escrita, cena por cena. As ilustrações são inseridas em suporte em madeira, no formato de um pequeno palco, e são substituídas umas após outas, à medida que a história procede. Convidar os pequenos a realizar as ilustrações é uma ótima ocasião para favorecer seu crescimento, porque antes de decidir o que fazer, as crianças com frequência discutem entre si e se confrontam, por exemplo, depois da leitura de uma narração evangélica. Também a mesma preparação da animadora/do animador ou do catequista exige a imersão na escuta profunda do significado da narração evangélica e a deixar-se inspirar por essa para uma prática de vida. Jovens e muito jovens encarregados da animação terão oportunidade de praticar a escolha dos termos mais eficazes, a procura da tonalidade a imprimir ao diálogo e a prática repetida para memorizar e depois produzir com desenvoltura e segurança a narração que será ocasião única de interiorização.

Video de apresentação do uso educativo do Kamishibai, em língua alemã.
https://www.donbosco-medien.de/kamishibai/c-22

Um meio para redescobrir a serviço da catequese e da pastoral em geral
Assistimos hoje a um renascimento da técnica do Kamishibai e à publicação de belíssimas ilustrações para a catequese nos tempos fortes do ano litúrgico. Anselm Grün para os pequenos as narrações evangélicas de Natal e do tríduo Pascal além da vida de alguns santos.

Os gêneros musicais e a identidade social dos jovens

Mariano Diotto, SDB
m.diotto@iusve.it

A escolha musical que desde sempre os jovens realizam está em estreita simbiose com a imagem social de si mesmos que querem transmitir.
A música é ainda hoje a representação dos desejos de revolução, de contestação, de emancipação do mundo juvenil.

Johann Sebastian Bach dizia que *"A música ajuda a não sentir dentro o silêncio que está fora"*. E isto vale primeiramente para o mundo dos jovens que tem mil perguntas, dúvidas e certezas. A música para eles é desde sempre vivida como uma forma de rebeldia ao contexto social. O rock, o pop, o punk, a new age, a discomusic, o metal, o rap, o hip hop, a trap foram sempre apresentados como formas sonoras de resposta às instâncias sociais. Cada um destes gêneros musicais assinalou um período histórico que seguiu passo a passo com o desenvolvimento da condição econômica, cultural e moral da sociedade. Alguns musicistas ou grupos musicais se tornaram o emblema de uma reinvindicação, de uma conquista ou também de uma decadência. Enquanto nos anos 60-70 isto se tornava também um manifesto político e social com os movimentos juvenis que desciam à praça, hoje não existe mais esta pertença que leva ao movimento físico do próprio mundo (em alguns casos também só interior) àquele externo de contestação do mundo dos adultos. A escolha de um gênero em relação a outro não parte do estudo sobre suas origens mas acontece simplesmente guiando-as pelo próprio gosto pessoal.

À procura de uma identidade

Se se quisesse usar uma metáfora poder-se-ia dizer que os jovens

de hoje vivem um contexto de época inédito, como atores de teatro no qual devem recitar uma parte, mas o texto muda e se modifica até que seja recitado, e ainda mais o cenário da representação continua a mudar. É uma busca de identidade pessoal e social que está sempre mudando. O escritor Alessandro D'Avenia sustenta que: "Às vezes na música encontram-se respostas que procuras, quase sem procurá-las. E mesmo se não as encontras, ao menos encontras aqueles mesmos sentimentos que estás experimentando. Algum outro os experimentou. Não te sentes sozinho. Tristeza, solidão, raiva". É esta a identificação precisa dos jovens de hoje. Da canção *Revolution* dos **Beatles** de 1968 que cantavam: "*Todos nós queremos mudar o mundo*" a **Bob Marley** em 1980 com a sua Redemption song: "*Não me ajudarás a cantar estes cantos de liberdade? Porque tudo aquilo que sempre tive são os cantos de redenção, cantos de redenção. Emancipai-vos da escravidão mental. Somente nós mesmos podemos libertar a nossa mente*". Até **Cheryl Crow** com a sua Run, Baby, Run de 1993 em que nos diz: *"Ela ama fugir e sorri com aquele sorriso secreto, porque sabe exatamente como ir adiante na vida*". A música, entre tantas artes presentes, é aquela que consegue ainda segurar aquela que é chamada **Geração Z e** que abraça os nascidos depois do 2000.

O Rap e o Hip Pop

Os dados de Nielsen Music referentes a 2017 indicam que no mercado americano a música mais ouvida é o rap e o hip hop que atingem os 25,1%, o rock atinge os 23% o pop fica em 13,4%, o country nos 8%, o latim nos 5,7%, eletrônica e dance nos 4% e vai descendo até 1% de clássica e jazz.

Mas hoje também o rap e o hip hop estão mudando. Até 5 anos atrás o rap era em condição de satisfazer às solicitações dos jovens e os representava plenamente. Os rappers, com muita frequência falavam sobre a própria existência, de seus problemas, de amor e de desprezo para com alguma coisa ou alguém. Era uma visão muito pessoal e com frequência muito crítica em relação à sociedade usando uma linguagem muito simples, direta e sem censura. Justamente por isso o rap teve sucesso: representava uma espécie de "espelho" que refletia a sociedade nos seus lados positivos e negativos.

A Trap

A música Trap nasce no Sul dos Estados Unidos, em Atlanta, no fim dos anos Noventa. Já do nome se compreende que é o gênero musical filho direto do rap. A palavra trap deriva de "trap house", isto é, casas velhas ou apartamentos semidestruídos de periferia, símbolo do espaço e da vida ruim. Os rappers começaram a contar o que acontecia nestes lugares e as canções que abordavam estes temas foram chamadas com o termo trap. Os trechos de trap americanos tinham no início textos que falavam somente de droga e de vida de crimes, com um olho atento também ao som, sempre rico de tantos baixos, como tantos punhos sobre o estômago. Depois se passou a uma reflexão mais íntima sobre a igualdade, sobre o significado de ser sociais, sobre a emancipação, sobre o sentido de viver como cidadãos, tanto que também artistas pop como **Beyoncé, Katy Perry, Miley Cyrus, Lady Gaga e Mariah Carey** começarm a realizar trechos influenciados por este tipo de sonoridade e a colaborar com *produtores e rappers* ligados à Trap. As sonoridades trap enfim contagiam também artistas que não têm nada a que ver com Atlanta ou os trap house, como por exemplo **Drake, Nicki Minaj, Jay-Z, Kanye West.**

Herman Hesse dizia que " *a música é baseada sobre a harmonia entre Céu e Terra, é a coincidência entre a desordem e a clareza*" e a música Trap é exatamente isto enquanto representa o estado de espírito dos jovens: desordem e clareza.

Na Itália a Trap tem expoentes famosíssimos no mundo dos jovens tanto que os 5 artistas mais escutados sobre Spotify são pertencentes a este gênero: **Gué Pequeno, Rkonmi, Coez, Ghali, Sfera Ebbasta.**

Os conteúdos dos textos deste gênero musical estão mudando, de fato, uma das canções mais escutadas, vencendo 2 discos de prata por 100 mil cópias vendidas, é *Cara Itália* de **Ghali.** Nesta canção fala-se de marginalização, de racismo e inclusão, de patriotismo.

"Existe quem tem a mente fechada e ficou para trás, como na Idade Média. O jornal explora isso, fala do estrangeiro como se fosse um alienado. Sem passaporte, em busca de dinheiro. Eu me sinto afortunado no fim do dia. Eu sou um doido que lê, um doido fora da lei. Fora do rebanho que escreve " bobo que lê".

"A música pode nomear o inominável e comunicar o desconhecido" dizia Leonard Bernstein e ainda hoje é assim contando a identidade social dos jovens".

Fala sobre mim de Marc Rothemund

Palma Lionetti, FMA
palmalionetti@gmail.com

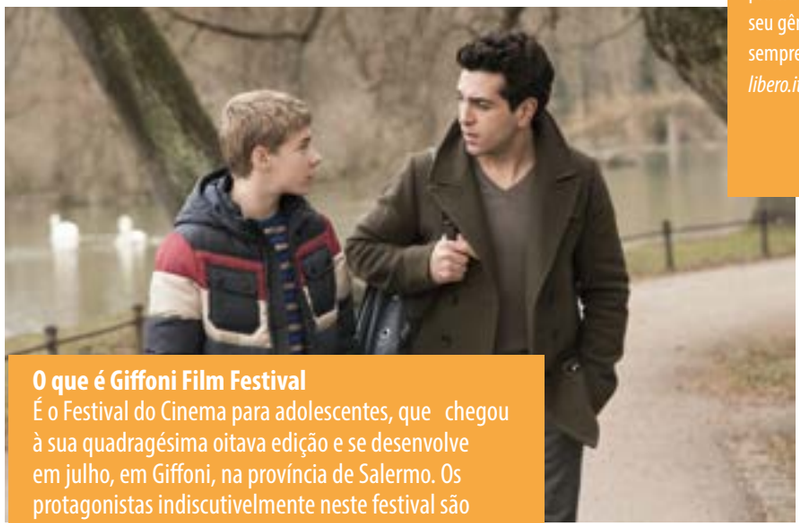
Fala sobre mim é um filme cujo título original é Dieses Bescheuerte Herz. É um filme alemão vencedor do "Grifone Award" no Giffoni Film Festival 2018, na categoria Generator + 13.

Quando vives sob o mesmo teto com as universitárias e pensas no Sínodo dos jovens, então te vem à mente que além dos questionários, dos eventos, dos convênios existe a vida ordinária que pode ser vivida na "sinodalidade", que caminhar juntas pode ser fazer as coisas juntas, como assistir um filme, por exemplo!
Propus à Elsa, inscrita no primeiro ano de Mediação Linguística na Oriental em Nápoles e residente no Colégio " Don Bosco", que te m uma grande paixão pelo cinema (participa como jurada em Giffoni Film Festival há anos) para olharmos juntas o filme **Fala sobre mim** [Conta su di me] e depois experimentar partilhar opiniões e pontos de vista não somente técnicas.

Fala sobre mim narra a comovente história de David, um jovem 15 anos que sofre de graves patologias congênitas e que gostaria de realizar todos os seus sonhos antes que seja muito tarde. Lenny ao contrário, filho do doutor de David, vive uma vida de luxo e excessos que o levam a perder de vista o sentido da vida. As vidas aparentemente opostas destes dois jovens são destinadas a cruzar-se quando o pai de Lenny decide cortar-lhe a mesada, colocando-o diante de uma escolha: colocar em jogo a sua vida ajudando David a realizar todos os seus sonhos da sua lista ou bloquear para sempre as suas finanças.
Lenny escolhe ajudar o jovem e, em pouco tempo, aproxima-se de uma realidade completamente estranha a ele, feita de visitas médicas e medicinais. Todo dia poderia significar o fim e justamente isto o ajudará a compreender os verdadeiros valores da vida como amizade fraterna, a partilha e a gratidão para com o próximo.
O filme recebeu muitos consensos durante o debate, que se realizou na sala Truffaut, entre os jurados e o regista **Mrc Rothemund**. O Regista afirmou várias vezes quanto foi difícil para o jovem ator que interpreta David preparar-se para este papel tão dramático quanto complexo. O filme conjuga um forte sentimento de esperança não obstante as dores e as limitações ocasionadas pela doença com um pedacinho de comicidade e de alegria de viver. É um filme aconselhado sobretudo aos jovens porque são duas vidas diametralmente opostas que se encontrando descobrem o melhor para uma e para outra.
É uma bela narração sobre a alegria e a esperança para o futuro, não somente, mas também sobre o nascimento de uma intensa amizade que durante a visão do filme vos fará rir e emocionar. Lenny, este jovem [de aproximadamente trinta anos] estouvado que pensa somente em divertir-se graças à genial saída do pai, famoso cardiologista, se ocupará de modo original do jovem de 15 anos, David, conseguindo criar um laço de amizade intenso, sem freios, mas vivido plenamente minuto por minuto.
Porque foi escolhido **Fala sobre mim?** Porque a amizade é um território que não termina nunca de se explorar! Lenny e Davi oferecem ocasião para refletir sobre a beleza da amizade entre gerações diferentes. O coração desta tocante história verdadeira projetada nas grandes telas pelo diretor alemão Marc Rothemund é o tema delicado da doença juvenil, matéria delicada que chega a tratar com a sua veia poética cheia de esperança, sem nunca ficar pesado.

“Fala sobre mim”, quem não gostaria de ouvi-lo dizer”! E o filme a partir do título mantem as suas promessas, que desenvolve com surpreendente profundidade nos diálogos essenciais, como são as falas dos jovens, e sempre piscando o olho à positividade, mesmo em meio aos contrastes das emoções e dos conflitos em que entram os protagonistas. Não só, mantem as suas promessas mesmo na exploração daqueles altos e baixos presentes nas relações afetivas familiares e neste caos relacional porém se aprende o senso de responsabilidade do outro, do cuidar.

“Participo do Giffoni na Itália, há sete anos, fiz parte da delegação italiana junto ao Giffoni “São Paulo Film Festival” realizado em São Paulo no Brasil em janeiro de 2012 e no festival das fábulas de Samede em Treviso. Hospedei na minha família jurados estrangeiros provenientes do Brasil, da Romania, da Bélgica e Alemanha; também premiei Sam Claflin durante a edição passada e Simona Izzo em 2012. Amo particularmente o cinema, as Séries TV e as línguas e penso que o conceito promovido pelo Giffoni seja único no seu gênero e destinado a expandir-se sempre mais” (Elsa Martino, *elsa.99@libero.it*).



O que é Giffoni Film Festival
É o Festival do Cinema para adolescentes, que chegou à sua quadragésima oitava edição e se desenvolve em julho, em Giffoni, na província de Salermo. Os protagonistas indiscutivelmente neste festival são os adolescentes, que vão dos treze aos vinte e cinco anos e estão divididos em seis categorias de acordo com a idade, e obviamente o cinema em todas as suas expressões e manifestações. Os jovens têm a possibilidade de assistir os filmes, discuti-los com o Regista e encontrar os talentos que durante as edições se tornaram sempre mais numerosos e de fama internacional, entre os quais encontramos: os protagonistas Glee, Jenifer Aniston, Marylin Streep, Nicolas Cage e Sam Claflin.
Além disso, os jurados locais podem também hospedar os jurados estrangeiros provenientes de todo o mundo. O Festival não acontece somente em Giffoni mas a cada mês se desloca pelo mundo os jurados que se revelaram mais ativos durante os debates e que se distinguem pelo conhecimento do inglês ; hoje o Festival se desenvolve também no Brasil, Macedônia, Inglaterra, Coreia do Sul, Qatar, Espanha e India.

A educação de Tara Westover

Emilia di Massimo, FMA
emiliadimassimo@libero.it

O livro autobiográfico *A educação,* tem como autora e protagonista Tara Westover. A escritora narra a história da própria vida, daquela da sua família e, através de várias lutas que se desenrolam e se intercalam, conta sobre si própria, sobre o renascer que se realizou na sua existência.

Tara Westover cresceu no Idaho nos estados Unidos, em um vale perdido, circundado de altas montanhas e bosques cerrados, em uma família fechada e violenta. Foi educada segundo os mais rígidos cânones mórmons: nada de remédios, nada de vacinas, nada de livros, nada de televisão, nada de amigos, nada de diplomas, nada de telefone, nenhum certificado de nascimento: “ *Sabia que era nascida no final de setembro e a cada ano escolhia um dia para o meu aniversário*” e, sobretudo, nada de escola. Tara, a irmã Audrey e os irmãos Luke e Richard, não foram registrados no cartório nem nunca foram visitados por um médico. Cresceram sem livros, sem saber o que acontece no mundo e o que é o passado. Desde muito pequenos ajudaram os pais no trabalho: no verão a recolher as ervas para a mãe parteira e curandeira, no inverso a recuperar metais na descarga do pai. Até dezessete anos, Tara não tinha ideia sobre o que fosse o Holocausto ou o atentado às Torres Gêmeas. Com a sua família se preparava para

o certo fim do mundo, acumulando latinhas de pêssegos desidratados e dormindo com uma mochila de emergência sempre ao alcance da mão.

A possibilidade de uma forma nova

A relação conflituosa com o pai se altera continuamente em cada vicissitude que Tara enfrenta. A Autora delineia com fineza psicológica os traços do pai convicto de ter uma missão bem precisa na terra: prolongar a vontade de um Deus déspota e vingador. Um delírio religioso conduz o homem a transformar a própria casa em uma fortaleza para defender-se do mundo, que representa o mal. Tara é por muito tempo vítima da violência do pai e de um irmão paranoico contra mulheres: ambos exercitam a sua brutalidade como devotos da lei divina. Na realidade, lá onde falta o respeito pela alteridade, a existência se torna uma tragédia que a mesma lei provoca e bem cedo se percebe que a barbárie se hospeda no coração, não no exterior. A vida de Tara vai adiante por anos com o seguinte ritmo: recolher, cortar, e soldar sucata, trabalhar na descarga, ao lado do pai e dos irmãos, com os grandes sapatos da ponta de aço. *Portanto, que relação existe entre os acontecimentos vividos pela protagonista e o título do livro "A Educação"?* Na realidade, justamente dentro das ocorrências, assim absolutamente contrárias à educação, a vida emerge com a sua força e afirma que ninguém é passivamente vítima da própria infância.

Tara Westover, narrando o seu passado, não esconde as feridas, os abusos sofridos mas testemunha que esses, mesmo se não forem esquecidos, não impedem na vida a possibilidade de dar uma forma nova à própria história. Isto aconteceu com Tara quando conheceu a realidade escolar. E enquanto para o pai a escola distanciava as crianças de Deus, para ela foi um autêntico florescimento: *"O que deve fazer uma pessoa, perguntava-me quando os seus deveres para com a família se desencontram com outros deveres, para com os amigos, a sociedade, para consigo própria? Podeis chamar essa tomada de consciência de muitos modos. Chamai-a transformação. Metamorfose. Deslealdade. Traição. Eu a chamo educação".*

> *"Libertei-me do sentido de culpa quando aceitei a minha decisão, sem alimentar até o infinito velhos rancores".*

> *"Quantos de nós mesmos devemos dar àqueles que amamos? Quanto lhe devemos trair para crescer?"*

Tornar-se uma pessoa

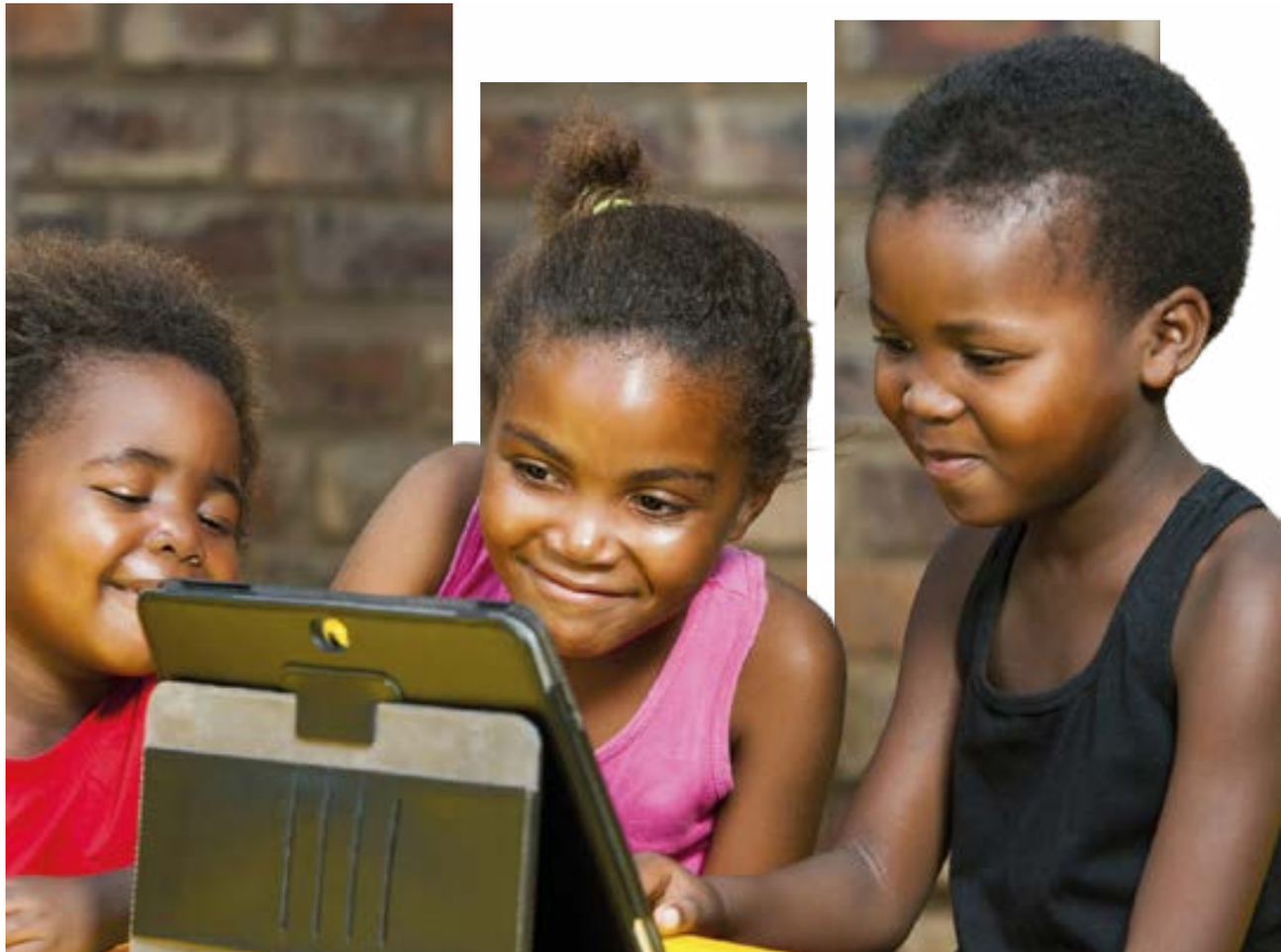
Uma primeira centelha de liberdade acende-se em Tara quando um dos irmãos deixa a família para ir ao Colégio. Naquele momento para ela abre-se um véu sobre a *normalidade*, sobre a possibilidade de uma nova vida livre e diferente daquela vivida isolada do mundo. Tara realiza assim uma escolha que a separa radicalmente das próprias origens para a força transformadora da cultura. De fato, estuda, toma consciência de ter vivido entre mentiras e crenças inúteis, circundada de falsas verdades: *"Existiam pressupostos maravilhosos dentro deste método de estudo: que os livros não eram truques, e que eu não era uma estúpida".* Estudar faz Tara compreender que não é uma jovem sem futuro, nela existem reservas para se tornar uma brilhante estudante, mesmo se conduzindo uma batalha interior. O Colegial antes e a universidade depois, são experiências que Tara nunca havia imaginado, e no entanto nelas residem as mudanças que tornaram possível escrever páginas inéditas da própria existência, na consciência de que nenhuma formação acontece cancelando o passado.

Tara realiza com coragem e tenacidade o desejo de conhecer, mesmo se contrariada de todos os modos pela própria família; a realização do seu sonho traz a mensagem central do livro: é possível vencer todo medo para mergulhar no vasto percurso da cultura e do empenho.

O poeta *Fernando Pessoa* atesta em um seu escrito: *"Conquistei palmo a palmo o terreno interior que nasceu meu. Reclamei por pequenos espaços o pântano no qual me firmei, nulo. Dei à luz o meu ser definitivo, mas me extraí de mim mesmo com o fórceps* ". É uma afirmação que bem revela a história de Tara Westover, uma história intensa de como a educação dá oportunidade de tornar-se uma pessoa diferente, de renascer a si própria, mesmo se isso implica em cortar dolorosamente os laços familiares já que não se é compreendido.

A autora afirma, mediante as dolorosas batalhas da sua vida, que a formação dá a possibilidade de emancipar-se, de viver uma vida livre e de tornar-se uma pessoa diferente. A educação, portanto, é a capacidade de *auto intentar-se* e uma surpreendente *revelação.*

A autobiografia é uma história universal de formação cuja perspectiva é a capacidade de ver a própria vida com olhos novos e a vontade de mudá-la.



Em meio aos jovens

O Sínodo sobre os jovens terminou! E as ressonâncias são muito positivas. Permanece um silêncio profundo que nos interpela e nos faz escutar a voz do Espírito que continua a guiar-nos na missão entre os jovens. Incrível!
O Sínodo parece feito para nós e nos motiva a estar em meio aos jovens. Estou certa de que não posso fazer muito, mas rezo e ajudo na assistência no pátio; olho o que acontece e percebo que os meninos pedem para ser escutados. Estou procurando como fazer para ter um diálogo com eles, e não é fácil porque os jovens que encontro não são como antes. Antes trabalhei só com as meninas e eram bastante dóceis; hoje existem também os meninos. Parecem-me mais benévolos, especialmente aqueles do Centro Juvenil; porém me assusto em vê-los com aquelas roupas, com aqueles cortes de cabelo também coloridos; com os piercings nas orelhas ou no nariz e tatuagem no corpo.
Mas atrás de tudo isso encontrei tantos sorrisos e pude falar com eles. Penso que estou ganhando o seu coração. O que mais me admira são os bonitos desenhos que fazem sobre os braços, pernas e até no rosto. Tudo novo para mim! Procurei esconder as minhas impressões, porque não queria estar entre aquelas pessoas de quem fala o *Instrumentum Laboris* que, no terceiro Capítulo, diz: *"Todos jovens, nenhum excluso!"*
Em nossa missão educomunicativa os jovens são pessoas, interlocutores e não objetos. Com frequência são considerados pela sociedade um problema, uma presença incômoda; a Igreja, o Instituto FMA querem dirigir o olhar "sobre todos os jovens, nenhum excluso, porque todo jovem tem direito de ser acompanhado no próprio caminho".

Penso com frequência em D. Bosco e em Madre Mazzarello, que são testemunhas autênticas de inclusão dos jovens mais pobres e abandonados.
A Igreja está respirando um ar juvenil todo novo. Sentiro ardor no coração, verdade?
Coragem, vamos ao seu encontro, e experimentemos escutá-los. Talvez pedirei um aparelho acústico (se possível) para ouvir melhor, porque não quero perder nada; sinto um grande entusiasmo salesiano que me envolve como no dia da minha Profissão Religiosa.
Visto que se essa idade avança, podemos sempre encontrar os jovens e por eles deixar-se contagiar para continuar a anunciar a Boa Notícia do Reino.

Palavra de Camila

GIOVANI TESTIMONI DELLA FEDE

"SANTI DELLA PORTA ACCANTO"

«É a mão de Deus que trabalha em vocês» (MM. L. 66,2)

A Santidade não conhece idade, está presente em todos os continentes e fala todas as línguas do mundo. O Evangelho, de fato, é uma boa notícia para todos. É a santidade da porta ao lado, daqueles que vivem próximos a nós e são um reflexo da presença de Deus. Até hoje são inumeráveis os testemunhos de jovens que na sua breve existência, viveram em modo heróico as virtudes cristãs da fé, da esperança e da caridade. Esses convidam a ser orgulhosos do próprio batismo, a ser coerentes com a própria identidade cristã. Estes jovens são pessoas cheias de graça divina e de transbordante exemplaridade humana.

Il Beato del Web

Carlo Acutis, il ragazzino servo di Dio è il "Beato del Web". Un modello di santità giovanile: "Essere sempre unito a Gesù, ecco il mio programma di vita". (…) Sono contento di morire perché ho vissuto la mia vita senza sciupare neanche un minuto di essa in cose che non piacciono a Dio".

Carlo è morto nel 2006 a soli 15 anni, in seguito a una leucemia fulminante. Nella sua breve vita ci sono i tratti della Spiritualità Giovanile Salesiana. La sua solarità e serenità: era un ragazzo che viveva con gioia il suo essere "giovane", la sua età, senza drammi, senza tensioni, senza paure; era felice di essere giovane e, giorno per giorno, coglieva il bello, il buono, l'imprevisto della sua vita di giovane. La fede vissuta nella quotidianità: attraverso il compimento dei suoi doveri nello studio e nella vita di preghiera. Una straordinaria attenzione verso il prossimo: dagli extracomunitari ai disabili, ai bambini, ai mendicanti. L'impegno ad evangelizzare attraverso il WEB: si rendeva sempre disponibile a chi aveva bisogno di un aiuto e cercava sempre di dare testimonianza; a soli 14 anni realizza una mostra virtuale (http://www.miracolieucaristici.org/it/Liste/list.html), un'ampia rassegna fotografica con descrizioni storiche di alcuni dei principali Miracoli Eucaristici nel mondo. «Mio figlio sin da piccolo, e dopo la sua Prima Comunione, non ha mai mancato all'appuntamento quotidiano con la Santa Messa, il Rosario e l'adorazione eucaristica. Nonostante questa intensa vita spirituale, Carlo ha vissuto pienamente e gioiosamente i suoi quindici anni, lasciando in coloro che lo hanno conosciuto una profonda traccia. (…) Stare vicino a Carlo era come stare vicino ad una fontana d'acqua fresca e certamente l'eroicità con cui ha affrontato la sua malattia e la sua morte hanno convinto molti che veramente in lui c'era qualcosa di speciale» (mamma Antonia).

"Eucarestia: la mia autostrada verso il Cielo" (Carlo Acutis).

Esiste un amore nella nostra vita che non cerchiamo ma che ci viene a cercare, che si presenta davanti ai nostri occhi e solo gli occhi liberi dei giovani sanno riconoscerlo. La santità è una grande opportunità: saper riconoscere un amore che ti cerca, che ti riempie e che ti dona la forza di moltiplicarlo ovunque e in qualsiasi stato di vita.

«A escuta é um encontro de liberdades,
requer humildade, paciência, disponibilidade
para compreender, empenho em elaborar
em modo novo as respostas.
A escuta transforma o coração daqueles que a vivem,
sobretudo se em sintonia e docilidade ao Epirito».

(Documento Final, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, I,6)

01
RIVISTA DELLE FIGLIE DI MARIA AUSILIATRICE
dma
2019

Istituto Figlie di Maria Ausiliatrice
Salesiane di Don Bosco

www.rivistadma.org
Leituras, aprofundamentos, vídeos, entrevistas e a possibilidade de contribuir e enriquecer o diálogo com novas reflexões.